

a
voz do
pensamento

FICHA TÉCNICA:

Título original: *A voz do pensamento*

Autor: Diogo Alexandre dos Santos Nunes

Capa: Diogo Nunes

3ª edição, Julho 2011

www.diogonunes.com

Este livro é uma compilação de textos de opinião.

Ao ler este livro irão certamente recordar os acontecimentos e assuntos relatados. Todos estes textos foram inicialmente publicados no meu blog pessoal “A voz do pensamento”, criado em Março de 2009. Neste blog que publiquei as minhas reflexões e críticas sobre os mais variados temas da actualidade. Os temas que mais abordei foram a educação, a política e a sociedade e cultura portuguesa.

Pretendi assim informar e alertar os leitores para os assuntos sobre os quais escrevi, pois pareceu-me que uma das principais causas dos problemas que relatava era a inacção e a fraca exigência do povo português, em muito causadas pelo seu escasso esclarecimento.

O blog pode ser consultado em:

www.diogonunes.com/blog
www.vozdamente.blogspot.com

Novo Acordo Ortográfico “*brasilês*”

António Pinto Ribeiro manifestou-se hoje, à margem da visita presidencial ao Rio de Janeiro – para comemorar os 200 anos da chegada da corte real – satisfeito com a aprovação do novo acordo ortográfico, um documento que considera «indispensável» e defendeu que, apesar da entrada imediata em vigor, a moratória de seis anos estabelecida é razoável e necessária para que todos se adaptem às novas regras.

Também para Malaca Casteleiro, um dos mais acérrimos defensores da alteração da norma ortográfica, o prazo de seis anos «é razoável» e suficiente para levar a cabo as alterações propostas no texto do acordo.

Para mim, este acordo ortográfico não passa de uma aproximação do Português ao Brasileiro. Não me venham dizer que é para simplificar ou para unificar a língua de maneira a torná-la uma das mais faladas no mundo. A razão para este "abrasileirismo" da língua é unicamente um acto de diplomacia na forma de reconhecimento (ou graxismo) e preguiça por parte do governo português.

Todos nós, depois de uma breve pesquisa na internet sobre um tema qualquer, rapidamente constatamos que a informação que nos chega não é portuguesa mas sim brasileira (na maioria

ou mesmo na totalidade dos casos). Ora nós os "tugas", como bons "tugas" que somos, não somos capazes de "mexer uma palha" para escrever alguma coisa que informe e ajude outra pessoa, muito menos num suporte informático. (O plano tecnológico, de que o governo fala à boca cheia, não deve ir mais além de vender portáteis e ajudar as operadoras a ganhar ainda mais dinheiro.)

Assim sendo, somos obrigados a suportar e usar os sites brasileiros. Tínhamos duas hipóteses: ou criávamos conteúdos portugueses, enriquecendo a internet de conteúdos fiáveis e dignificando o nosso país e língua worldwide, ou adaptávamos a nossa língua aos conteúdos que circulam na internet para não estranharmos. O Governo optou pela segunda opção: a que necessita de menor esforço e a que provoca mais confusão, insatisfação, complicação e revolta (bem à moda deste e outros governos portugueses).

Esta notícia do acordo surge, por coincidência (ou não!), na mesma altura em que se comemora os 200 anos da chegada da corte real. O que fazer para comemorar tal ocasião? Há países que fazem festas e almoços; outros entregam medalhas ou fazem declarações; e há ainda outro(s), como o nosso ou "o" nosso, que adapta a sua língua à do país dos festejos - neste caso, o Brasil. Não haverá outras maneiras de festejar um acontecimento? É preciso complicar a vida de milhares de pessoas de um país por causa de um simples dia?!

Aquilo que digo não é uma simples opinião sem fundamento: há declarações de membros do próprio governo que

comprovam e reforçam aquilo que disse, ora vejamos este excerto da edição online do jornal SOL:

*Tanto o Ministro da Cultura como o Presidente da República **reconheceram o simbolismo da aprovação deste documento** precisamente no momento em que Cavaco Silva, Pinto Ribeiro e uma significativa comitiva cultural se encontram no Rio de Janeiro para assinalar um «acontecimento histórico para os dois países». «**Não é coincidência**», assumiu Pinto Ribeiro enquanto justificava que o acordo é um «desígnio estratégico». Também Cavaco Silva – que lembrou que todo este processo tinha sido iniciado quando ainda era primeiro-ministro – sublinhou que esta «**foi uma forma de o Governo se associar às cerimónias** que aqui viemos celebrar».*

Depois disto, restam algumas dúvidas?

Simplex ou Complex?

Na situação actual há um enorme custo económico e financeiro na produção de edições diferentes de dicionários e livros para o Brasil e para Portugal, devido apenas às ortografias oficiais divergentes. A demora na edição destas obras comuns contribui para que o português se insira no conjunto das línguas de pouca difusão, pouco conhecimento e pequena repercussão no universo da comunicação, apesar de ser uma das mais faladas do mundo. Com este acordo, os livros e outros

materiais educativos adoptados, em qualquer país lusófono, poderão ser mais facilmente reproduzidos noutro país.

Pois é, mas a maior parte do material universitário, como informações/estudos aprofundados, específicos e fiáveis, estão em Inglês e ainda não ouvi ninguém falar em adaptar a língua portuguesa ao inglês. Esta é uma falsa vantagem, senão reparemos: o português não é a mais falada no mundo e não é por um livro demorar dois meses em vez de um ano que a língua portuguesa vai saltar para o topo das mais faladas. Não venham atirar areia para os olhos das pessoas. Existem largas dezenas de línguas pelo mundo fora e ninguém está preocupado em unificá-las.

Alguma vez ouviram falar dos ingleses pensarem em adaptar o seu inglês ao falado numa das suas ex-colónias? É claro que não. Já agora, porque não adaptar o Português ao crioulo? Não é assim tão absurdo: Brasil e Cabo Verde são ambos ex-colónias de Portugal; no Brasil e Cabo Verde fala-se Português; Brasil e Cabo Verde desenvolveram variações do Português de Portugal. São assim tão diferentes as opções? Continuando: Alguma vez ouviram falar em unificar o Inglês britânico com o Inglês americano? Nunca! Experimentem falar nisso a um britânico ou americano e vão ver o olhar de desprezo que ambos vos deitarão. Então porque unificar o Português (o inglês britânico) com o Brasileiro (o inglês americano)? São casos em tudo semelhantes; apenas os governos dos países são diferentes... felizmente para eles, infelizmente para nós.

Querem simplificar? Querem enterrar o passado português? Então façam-no, mas façam-no a valer! Mudem a língua oficial de Portugal para o Inglês ou comecem a ensiná-lo à séria desde a primária! Isso sim, seria simplificar a língua e não só - seria um passo de gigante louvável em direcção à globalização e internacionalização de Portugal. Mas não, escolheram o Brasileiro... assim fica-se na mesma (ou pior) e sem qualquer proveito. Querem simplificar? Fica aqui mais uma proposta: por que é que não adaptam a ortografia do Português à "escrita dos telemóveis"? Sim! Já que querem tanto simplificar, vamos todos passar a escrever "q" em vez de "que" e substituir todos os sons sibilantes por "x". Porque não? É uma prática corrente por uma grande parte da população já. Tornaria a escrita ou a *ortografia muito mais simples e aproximada da fonética*, como eles gostam de dizer e tal como os "engenheiros" que governam este país querem.

Mais uma coisa, a adopção deste novo "brasilês" acarretaria com ela uma série de ambiguidades que só complicaria mais a língua. Tenhamos, por exemplo, em conta a palavra "facto". Com este novo acordo passaria a escrever-se, em **bom português**, "fato". E como se escreve aquela peça de vestuário que se usa em ocasiões especiais? Ah, é "fato" também! Olha que coincidência. Coisas completamente distintas teriam agora a mesma ortografia, porque supostamente a fonética a tal obriga. Quem é que neste mundo pronuncia: «O "fato" de...» Toda a gente, quando fala, diz "faCto", não venham com coisas. Ou seja, para além de todas as desvantagens já mencionadas, este acordo é ainda irrealista pois adapta a ortografia a uma fonética não existente.

Querem um exemplo prático e simples? Considere-se esta frase:

“O director escreveu em acta que o actor atou os sapatos, depois do seu acto. Como o tempo estava húmido, vestiu um fato que era, de facto, azul e saiu com a sua colega – aquela da mini-saia. Foram para o Egipto, onde fazia calor, ver os Egípcios.”

Agora trazudindo para brasilês:

*“O **diretor** escreveu em **ata** que o **ator** atou os sapatos, depois do seu **ato**. Como o tempo estava **úmido**, vestiu um fato que era, de **fato**, azul e saiu com a sua colega – aquela da **minissaia**. Foram para o **Egito**, onde fazia calor, ver os Egípcios”*

Perceberam alguma coisa? Eu percebi várias coisas, só não sei qual é a correcta: ou que havia um casalinho de uma espécie animal qualquer exótica, proveniente dos ratos - o ato (macho) e ata (fêmea); ou que surgiu um verbo novo denominado “Atar” – eu ato, tu atas, ele ator...; ou que havia um fato azul, proveniente de fato; ou que quem escreveu isto tem um problema qualquer com as sibilantes e não consegue dizer mini-saia sem carregar nos sss; ou que havia uns tantos Egícius a viver no Egipto e outros tantos Egípcios a viver no Egipto – será que são todos os mesmos?? O que vale é que este acordo veio para simplificar a escrita! (faria se não fosse...)

Muitos críticos acreditam que a proposta está tentando resolver um não-problema, uma vez que apesar das diferenças ortográficas, as variantes escritas da língua portuguesa são perfeitamente inteligíveis pelos seus leitores. O sucesso de

vendas do escritor José Saramago no Brasil, cujos livros usam a grafia lusitana do português, é apontado como uma evidência disso. Os críticos apontam como desvantagens desta unificação os seguintes itens:

- *Adaptação, pelas editoras, do corpo literário já existente à nova ortografia. O custo médio de preparação e revisão de um único livro é, no Brasil, de R\$ 5.000 (cerca de 2000€);*
- *Súbita obsolescência de dicionários/gramáticas e de todo o tipo de livros (escolares e literários), que terão que ser substituídos;*
- *Reaprendizagem ortográfica por parte de uma grande massa de pessoas.*

Reparem nos custos, nos esforços, no tempo e no desperdício que este acordo causará para tão insignificantes ou nenhuns resultados. Onde está a contenção de despesas do governo Português? Onde está a preocupação em reduzir o desperdício de matérias-primas e energia? É bom avivar a memória para estes aspectos que são esquecidos tão facilmente. Todos os nossos livros tornar-se-iam obsoletos, incorrectos e desactualizados instantaneamente. Colecções inteiras de livros, completas após algum investimento de dinheiro e tempo, tornar-se-ão "colecções de erros ortográficos" e não serão usados, lidos ou mostrados mais com orgulho por ninguém por isso mesmo. Vão agora obrigar 10 milhões de portugueses a comprar um novo dicionário e lê-lo, literalmente, de uma ponta à outra para aprenderem de novo a sua língua - ou melhor, a língua dos brasileiros! Num país que já se diz ter uma taxa tão

grande de analfabetos, agora até mesmo quem já não dava erros passará a dar. Todo este acordo parece mais um retrocesso em vez do suposto avanço.

Alguns críticos acreditam que é falaciosa a ideia de que a união ortográfica fortalecerá a língua portuguesa no cenário internacional. Pasquale Neto alerta que "Vamos enterrar dinheiro em uma mudança que não trará efeitos positivos", enquanto o professor Cláudio Moreno sustenta a opinião de que "Essa ideia utópica de que a unificação vai transformar o português numa língua de relações internacionais é uma tolice".

*Os mais cépticos têm sido as editoras que salientam os elevados custos para a adaptação de dicionários e outros livros às novas regras. O Acordo mexe muito na maneira de escrever, mas também nos interesses nacionais da cultura, literatura e educação, segundo afirmam as entidades responsáveis pelas editoras. Para além disso, alguns editores e livreiros portugueses têm considerado que o acordo é "um **facilitismo para as editoras brasileiras** entrarem nos países africanos" e criticaram a falta de debates acerca o assunto. A verdade é que as editoras portuguesas têm interesses muito importantes nestes países e vêem a adopção deste acordo como uma ameaça tendo mesmo afirmado que não iriam adoptar nos seus livros as alterações previstas. Por outro lado, alguns linguistas portugueses têm afirmado mesmo que a adopção deste tratado seria*

uma "abrasileiração" da escrita e que a variante lusitana da língua sairia afectada.

Elevados custos. Como vêm, as editoras partilham a minha opinião e elas saberão mais desta situação em que se encontram do que qualquer um de nós. Falam também no favorecimento das editoras brasileiras. Mais uma desvantagem para os portugueses e vantagem para os brasileiros, como todo este acordo tem vindo a demonstrar. Não é estar contra os brasileiros, nada disso. São um povo fantástico! Só estou contra as políticas que acontecem debaixo dos narizes dos portugueses, sem que estes possam dar a sua opinião ou fazer vingar no meio disto tudo. Falam também numa abrasileiração do português lusitano - tal como eu já havia mencionado. Não acham que o nosso passado português já foi maltratado o suficiente? Não basta já todo o nosso esplendor e empreendedorismo ter sido perdido ao longo do tempo? Agora até a nossa língua nos querem enterrar - o último registo de todas as nossas descobertas, conquistas, feitos e da própria cultura - por razões desprezíveis e insignificantes.



Em resumo, este acordo visa apenas interesses brasileiros e insignificantes/inexistentes para o povo português. É uma acção sem qualquer interesse ou sentido da parte do governo português. Este acodo é nada mais que uma complicação, uma

inutilidade, um atentado à cultura portuguesa e um esbanjamento de recursos e tempo, bem à moda portuguesa. O famoso verso de Camões poderia ser adaptado à actualidade da seguinte maneira: "Mudam-se as línguas, mantêm-se os costumes".

Greve ou Sequestro?

Os telejornais são unânimes, todos relatam a “greve” generalizada dos camionistas por todo o país. Porque é que uso aspas na palavra greve? Porque, simplesmente, a meu ver, o que eles estão a fazer é tudo menos uma greve. Sim, uma greve é, segundo o dicionário de *português de Portugal*, uma «**paragem voluntária, colectiva e temporária de um colectivo de pessoas por reivindicações de vária ordem**». De facto, a paragem dos primeiros camionistas foi voluntária, o que já não aconteceu com os camionistas que foram abordados na estrada. E se esta paralisação vai ser temporária ou não é que já não sei, pois já lá vão três dias e eles dizem que aguentam mais uma semana se for preciso. Pergunto eu: quanto tempo aguentará o país? O uso da palavra greve começa a tornar-se inadequado à situação mas tornar-se-á completamente errado, por razões que vamos perceber mais à frente.

Chega a ser cómico o quão fácil que é de reconhecer os membros desse tal piquete, pois andam sempre com um colete verde ou laranja fluorescente. Assim, os camionistas, logo ao longe, vêem com quem é que se vão meter. Segundo um dos membros do piquete, a sua



função é abordar os camionistas que circulam na estrada e explicar-lhes calmamente a razão da paralisação e, por fim, perguntar-lhes se gostariam de juntar-se ao protesto. Na teoria, é assim que isto funciona. Felizmente, um repórter da SIC acompanhou uma das abordagens de um piquete a um camionista que circulava na estrada. Atentem no discurso, no mínimo, convincente do piquete: «*Você é que escolhe: ou encosta o caminhão e fica aqui parado e não lhe acontece nada; ou segue, e mais à frente pode cair na valeta com duas ou três pedras em cima. Agora você é que escolhe...*». Um discurso argumentativo riquíssimo e extremamente ético, se não reparem na liberdade de escolha dada pelo piquete: o camionista ou pára ou acaba na valeta. Simples – é a lei universal da causa-efeito. E depois vêm os piquetes queixarem-se da demagogia do governo; com que moral??

Acho que o comentário de António José Teixeira, na SIC hoje ao almoço, sintetiza tudo aquilo que penso desta questão: *«Há muito que isto deixou de ser uma mera greve. **Temos o país sequestrado. Até podem ter razões para PROTESTAR** mas não podem fazer aquilo que estão a fazer. Por exemplo, temos aquele caso da carrinha que transportava medicamentos e que foi apedrejada. A justificação do piquete foi que não sabiam que trazia medicamentos pois a polícia não os tinha informado. Mas isso é obrigação da polícia? **Com que autoridade atacam eles os outros camionistas?** E não há controlo destes actos por parte polícia?! Esta greve é ilegal e **o país assiste impávido e sereno**. O ministro não comenta, a polícia não actua, a população nada pode fazer e já lá vão três dias. O Estado não*

serve só para cobrar impostos mas também para garantir a segurança da sua população.»

Supostamente, e isto está na lei, serviços essenciais e de emergência devem ser assegurados e verificados pelo governo:

- Transporte de produtos alimentares frescos (carne, peixe, vegetais) – FALSO. Os vendedores já se queixam que não têm ou produtos ou produtos frescos. Vamos passar fome por causa da revolta duns trolhas?
- Transporte de medicamentos – FALSO. Uma carrinha que fazia o transporte foi apedrejada pois nem sequer parou quando o piquete *exigiu*.
- Combustível para viaturas de emergência (INEM, Bombeiros) – FALSO. Até o aeroporto de Lisboa está sem combustível. Os bombeiros já vieram dizer que não podem sair por questões menores pois têm medo que o combustível não chegue. Se for preciso escolher entre salvar a vida de uma pessoa e apagar um incêndio...

Tanta gente por este país fora paga impostos, que acha desnecessários ou exagerados, e não anda aí a por o país em estado de sítio. Esta situação só revela egoísmo. Em suma, neste momento, **estamos a ser governados por camionistas**, numa atitude equivalente a uma máfia. Dizem que o seu protesto deve-se ao facto de terem eleito certas pessoas que não tomam medidas favoráveis à sua profissão. E nós? Elegemos um monte de camionistas demagogos, que estão-se nas tintas para o caos em que estão a mergulhar o país, como primeiros-ministros? Em segundo, o governo não pode ceder-

lhes, pois assim **entramos num ciclo vicioso de chantagens** por parte dos camionistas. Por exemplo, o “governo espanhol anunciou apoios aos camionistas, mas a greve continua”. E em terceiro, **se ceder, o governo estará a abrir precedentes e vai ter também de ceder os mesmos benefícios** aos transportes públicos, aos taxistas, etc., o que é economicamente inexequível, entre outras coisas.

Ai lelo! Acode qu'é africano!

Nos últimos dias, temos assistido a uma invasão cigana nas nossas casas. Não literalmente, por enquanto (graças a Deus), mas através das notícias que nos chegam pela televisão. Desde há três dias que é assim; não há noticiário que não tenha a rubrica “Quinta da Fonte”.

Mas o que aconteceu afinal? Temos vários factos, provas e ainda várias versões. Ao que parece, trata-se de uma “problema de integração” ou um *choque de culturas*, se preferirem. Eu até acho que as culturas estão em perfeita sintonia uma com a outra, pois **ambas querem mandar no bairro**. O problema reside no facto de as duas não poderem mandar ao mesmo tempo e aí gera-se o conflito.

Dizia num jornal online que foram apreendidas, no 1º tiroteio, «3 espingardas caçadeira, 2 pistolas automáticas de calibre 9mm e 7,65mm e ainda dezenas de cartuchos e munições. Os detidos serão presentes ao Tribunal (...) a fim de serem ouvidos em interrogatório e sujeitos a medidas de coacção». Não vale a pena! Não cansem a pobre da Justiça; dêem-lhes logo o TIR e está o caso arrumado. Escusam de levar os suspeitos para a esquadra e de estarem a interrogá-los... tudo isso é bastante incómodo para os suspeitos – têm mais que fazer. Ou melhor ainda, nem sequer os prendam. **Se amanhã estão cá fora, para quê gastar meios a prendê-los hoje?** Lembrem-se da crise: poupem as fardas, poupem o material, poupem o combustível... poupem-se!

Quando perguntaram, num directo, a um *porta-voz* da equipe cigana «Não acha que há culpa dos dois lados neste conflito?» este respondeu prontamente, um pouco revoltado até: *Nenhuma! A etnia africana que mora no bairro é que está constantemente a ameaçar-nos e a roubar-nos, de maneira que nós tivemos de fugir.* São afirmações deste género que mancham o bom nome e a bravura dos ciganos. A mesma bravura que empregam para assaltar uma pessoa, por exemplo.

É normal que os ciganos queiram reivindicar os seus *direitos*: nunca na sua história tiveram alguém que lhes fizesse frente e agora não sabem como reagir a esta nova situação. É normal que a câmara tenha de arranjar prédios novinhos em folha para eles irem morar para lá. Porquê? Epá coitados, a vizinhança que lhes arranjam é horrível! O que têm os pobres dos ciganos para se defender? Canivetes, facas, pistolas, revolveres e caçadeiras? Coitados! E ainda mais curioso é ouvir os ciganos sempre a criticar a violência dos africanos, quando **são eles que aparecem com armas** (e reparem na prática com que pegam numa arma e puxam o gatilho) e que fazem os disparos. “Não bate a bota, com a perdigota”.

Sou obrigado a questionar-me: se um grupo de moradores fosse protestar na câmara, dizendo que tinha um grupo de delinquentes a assaltarem o bairro constantemente, a câmara também os ouviria e também lhes daria casas novas noutro lugar? Duvido. Afinal de contas, até nem são um povo assim tão marginalizado. Para certas coisas, até são mais integrados que os próprios portugueses.

No meio disto tudo, só tenho pena de quem lá realmente mora e quando digo realmente refiro às pessoas civilizadas e com princípios; tenho pena, mais que tudo, deste ***pobre país pobre***.

Quente, quente!

Há algumas semanas atrás vi uma notícia na internet que acabei por confirmar numa revista da National Geographic: há um grupinho de cientistas – devem ser ou pelo menos pensam que são – fantástico que anda a tentar arranjar uma solução para o aquecimento global. Bem. É bom saber que ainda há gente que pelos vistos se preocupa com o caminho que a humanidade trilha.



O comum dos mortais já deve ter ouvido dizer, de certeza, «mais vale prevenir que remediar». Onde eu quero chegar é o seguinte: já estamos fartos de saber que não é solução tentar remediar um problema, mas sim atacar

a raiz, a fonte desse mesmo problema! Por exemplo, se tiverem uma torneira aberta a deitar água para o chão, não é ensopando a água do chão com toalhas que vão resolver o problema mas sim fechando a torneira. «Ir ao fundo da questão»! **Não é *remediando* superficialmente que se resolvem os problemas.**

Pois bem, parece que nunca ensinaram isto a estes eruditos “cientistas”. Temos a seguinte situação-problema: a cada ano que passa, a quantidade de gases que emitimos para a atmosfera aumenta (não vou perder muito tempo com isto porque vocês já *deveriam* estar a par). É preciso solucionar

este problema. Repito, solucionar, e não adiar o inevitável ou fazer pior ainda. Estas mentes brilhantes chegaram à conclusão que seria plausível **arrefecer o planeta**. Ao lançarem enxofre ou sulfatos para a atmosfera, os raios solares teriam mais dificuldade em chegar a Terra e assim as temperaturas diminuiriam. Escusam de se entusiasmar.

Um estudo americano já veio dizer que isto poderia **agravar ainda mais o buraco de ozono**, que têm vindo a recuperar lenta e dificilmente. Viveríamos, mas com menos luz. As plantas precisam de quê para fazer a fotossíntese? Pois é... luz! Menos luz leva a menos fotossíntese que leva a menos oxigénio. Agora juntem a deflorestação, mais a crescente emissão de CO₂, mais o CO₂ libertado pela respiração de algumas plantas (que agora já não têm luz suficiente para as suas necessidades fotossintéticas). Basicamente, **a solução é evitar morrermos queimados, morrendo asfixiados**. «Porreiro pá!»

Lembram-se, no filme “Verdade Inconveniente”, do excerto de um cartoon que mostrava o Homem a atirar cubos de gelo para o oceano para arrefecê-lo? Toda a gente se ri nessa parte – pudera, não é? Mas o que acontece é que estamos a arranjar “soluções” do mesmo estilo. Já houve quem pensasse em **enviar para o espaço vários espelhos** de um metro de diâmetro para a órbita da terra, para assim reflectir uma parte da luz proveniente do Sol. Quando se diz *vários*, entenda-se *milhões* deles pois teriam de ser em número suficiente para cobrir toda a área iluminada da Terra; e estes ainda teriam de acompanhar a translação e rotação da Terra... Num tempo em que se diz para as pessoas pouparem, reutilizarem e reduzirem

o desperdício – porque as matérias-primas não são infinitas – acho que é um **esbanjamento de recursos e meios**.

Choque (tecnológico)

Ao que parece, o desaparecido “Choque Tecnológico” ainda anda por aí e acabou de chegar aos bilhetes do Metro de Lisboa e aos passes dos comboios da CP. Eu ainda sou do tempo em que o bilhete de metro era um cartão de papel com uma banda magnética que se inseria e retirava na entrada/saída das estações de metro. Já nos comboios era um cartãozinho vermelho que o “pica”, quando raramente o via, picava. Para mim, era um sistema prático, fiável e pouco amigo do ambiente.



Eis que chegou o cartão *Viva Viagem*. Paga-se, por este cartão verdocas, 50 cêntimos, mas são recarregáveis e usáveis, em teoria, durante um ano. Digo isto porque não passam de um cartão maleável sem qualquer protecção. Será que chega a durar o tal ano? Primeiro ponto fraco.

Bom, mas é recarregável e por isso poupa-se papel e energia! Mais ou menos. Agora, cada vez que se carrega o dito cartão, recebemos dois papéis, em que um deles é um comprovativo do carregamento. Portanto, fazendo as contas, em vez do antigo bilhete temos agora um cartão + dois papéis por carregamento. Segundo ponto fraco.

Os passes da CP parecem ter seguido a mesma onda. Os utilizadores já não precisam de repetir o rápido gesto de mostrar o passe. Agora têm de dar o seu novo cartão ao

revisor, que (desde algum tempo) aparece **sempre** em todas as viagens, que o passa numa maquineta portátil nova na esperança que esta funcione. Já assisti a várias situações em que o passageiro tem de recorrer a todas as maneiras para provar que tem, realmente, bilhete – muitas das vezes através de um comprovativo e ficamos assim a perceber a função dos papelinhos. Terceiro ponto fraco.

Resumindo, temos agora um serviço falível, nada prático e ainda menos amigo do ambiente do que já era. E para não pensarem que isto sou eu a dar palpites, fica aqui a informação de que o próprio gestor do Metro viu-se obrigado a dizer «reconheço que há coisas a melhorar em tudo isto...» Ao que parece, mudámos para pior – como acontece (quase) sempre. Mas porque se mudou o sistema afinal? Porque assim uma empresa fabricante das tais maquinetas ganhou mais uns trocos; porque assim podemos deslizar o cartão viva viagem numa forma muito mais estilosa que leva os estrangeiros a pensar que não estamos tão atrasados assim (apesar de estarmos); porque assim se tivermos o azar de deitar fora o comprovativo, somos obrigados a pagar uma exorbitante multa além do bilhete que já tínhamos comprado.

Quem sai a ganhar: Metro e CP. Quem sai a perder: nós – os mesmos zéinhos de sempre neste país.

P.S.: A intenção até era boa (e louvável). Quem está à frente das instituições, neste caso, é que não tem competência para torná-la numa realidade frutífera.

Racistas!!

O nosso país é racista. Calma, não se revoltem já. Começemos por perceber o significado desta palavra. Resumidamente, e aplicada às situações que vou abordar, consiste em *tratar alguém de forma diferente só porque a sua raça é diferente da do sujeito*.

Este Verão foi marcado por vários (in/a)cidentes sociais. Primeiro foram os tiroteios na Quinta da Fonte, em Loures; depois uma “criança” foi alvejada por um GNR, no concelho de Loures (mais uma vez); e ontem mesmo houve novo tiroteio numa tal Quinta do Mocho, em... (adivinham) Loures. “*Algo vai mal no reino de Loures*”. Depois ainda houve o caso do BES, mas já lá vamos.



Da 1ª vez, os *coitados* dos ciganos não tinham como se defender do racismo de que estavam a ser alvos na Q. da F. Da 2ª vez, e por sermos racistas – atenção –, disparámos a matar contra uma criança, só por esta ser cigana, segundo a família. E alguém

relacionado com os assaltantes do BES também veio dizer que a polícia só disparou por eles serem brasileiros. **Estou a ver que ser racista foi a mais recente tendência para este Verão.**

Vejamos. No 1º caso éramos racistas, não sei muito bem porquê, acho que era por não os deixarmos mandar no bairro. Já no 2º caso, os “suspeitos” dizem que não estavam a fazer

nada. Bem, até podia ser verdade... mas consideremos os factos: duas *peessoas* numa propriedade privada, recheada de material de construção, à noite, eles com uma carrinha (dá jeito) e duas armas de fogo dentro dela (não vá aparecer alguém inconveniente)... tanta coincidência torna-se no mínimo suspeita. «Mas estava lá uma criança!» dizem eles. Pois estava e então? Se calhar, até estava lá para aprender como se faz. Há pais que levam os filhos à pesca, outros levam-nos aos assaltos que fazem... dá sempre jeito uma mãozinha extra. Ou então estava lá para servir de escudo, que foi o que acabou por acontecer. (Lá se foi mais um abono de família... já não vai dar para o Mercedes, vão ter de se contentar com o Audi).

Estarei a ser injusto? Se calhar estou: o papá até tinha fugido da prisa; até tinha identidade falsa! (Vê-se que este era *doutorado*, já o mais novo não conseguiu acabar o secundário). E o GNR? É adivinho para saber que na perseguição de um grupo de assaltantes, vai uma criança também? E virem dizer que disparou de propósito?! Isto cabe na cabeça de alguém? Coitado mas é do GNR, que já vi levar com um processo em cima por exercer a sua profissão!

Mas provavelmente têm razão: se não fossemos racistas, como dizem, tínhamos detectado logo a identidade falsa; e não o tínhamos deixado sair; e até tinham ido logo atrás dele se isso acontecesse. Mas como era cigano, deixaram-no ir e nem se dão ao trabalho de o procurar. Contudo, o comum cidadão seria perseguido e castigado severamente. **A justiça é RACISTA!!**

Outra: ontem passei numa feira. Logo à entrada, dois polícias fardados de braços cruzados impunham o respeito. Na feira, eram pelo menos três as bancas, de tamanho bem considerável, de ciganos que vendiam à descarada filmes em DVDs e CDs de música piratas. Cheguei mesmo a ver uma miúda pela feira, acompanhada pelos pais, que já levava toda contente o DVD do «Wall-E» (que ainda mal estreou). Tanta coisa com a pirataria, os anúncios, os processos aleatórios a cidadãos comuns, as ameaças, o encerramento de servidores nacionais, enfim. Porque estão os ciganos à margem de tudo isso? Não deveriam ser tratados como os outros cidadãos? Alguém como eu podia ir para a feira fazer o mesmo que eles e sair impune como eles? Não. Então, **isto é RACISMO!**

Provavelmente o nosso país é, como dizem, racista. E provavelmente, no meio disto tudo, **quem está a ser realmente discriminado e maltratado são**, na verdade, os **cidadãos portugueses sérios e cumpridores.**

«Meu querido, mês de Agosto»

Como já deu para reparar, este mês de Agosto não foi bem como os Agostos a que estamos habituados (por várias razões). Só vento e mais vento e calor nem vê-lo. Tantos avisos de que “este Verão seria o mais quente dos últimos anos” e no final de contas acabou mais por ser, talvez, o “Outono mais quente dos últimos anos”. Isto só vem confirmar que **é cada vez mais difícil prever as condições meteorológicas** e que **as estações estão cada vez mais trocadas**, como se diz na gíria popular. Não sei de que mais provas necessitam os cépticos do Aquecimento Global.

Com as usuais (e passadas) ondas de calor era lógico seguirem-se ondas de incêndios. **Era já tradição, em Agosto, ligar a TV, na casa de férias, e ver Portugal a arder.** Até isso já nos tiraram! Lá de vez em quando, quando está mais vento ou mais calor lá conseguem queimar uns hectaresinhos, mas nada de espectacular. Pois bem, este ano não há nenhuma onda de calor e por isso **a malta tem de se entreter com outra coisa qualquer – roubar.**

Eis que as antigas e já obsoletas ondas de incêndios dão lugar às novas e actuais ondas de assaltos. É o progresso a chegar a Portugal. Que ó menos estejamos ao nível do estrangeiro em alguma coisa! O crime é instrutivo. **Já conseguimos pôr uma parte dos Portugueses, nomeadamente a ladroagem, a falar inglês! Carjacking... Homejacking...** termos que até à data eram desconhecidos – inovação.

Falando mais a sério, a realidade que nos entra pelos olhos dentro todos os dias é bem triste e amarga. Eu ainda iria mais longe: nojenta. Em quase um mês (31 dias), 50 assaltos (*até agora*). São mais assaltos que dias. Dizem que a média é 1 assalto/dia. Não sei se fizeram bem as contas, porque antes d'ontem foram 5 num dia, hoje foram 4 numa noite... **Talvez consigamos uma medalha de ouro como país com mais assaltos num mês!!** Guardávamos a medalha ao lado da taça de país com mais infectados pela SIDA da Europa, do diploma de população menos confiante da UE, da medalha de bronze do país com mais desempregados (UE), da de ouro de país com mais obesidade jovem (UE), enfim... qualquer dia temos de mandar aumentar a sala dos troféus.



Mas voltando aos assaltos, vou explicar porque é que a situação é repugnante. As razões são várias e o espaço para relatá-las pouco. Acho que é o cúmulo um gajo estar em casa com pulseira electrónica, cortá-la, ir de noite assaltar uma casa, roubar as chaves dos carros e os mesmos – crime que o havia levado a usar a dita pulseira (reincidente, portanto) – e

agora ficar a monte. Acho que é o cúmulo um casal de idosos, de uma aldeia, serem brutalmente espancados, um deles até à morte, sem sequer levarem o quer que seja – “violência gratuita” diz-se. Acho o cúmulo, depois dos policia gastarem

meios e energia a apanhar esses infelizes, saírem em liberdade após julgamento.

Se os chegam a apanhar é porque a tão falada falta de meios não existe; há é falta de leis que protejam o cidadão honesto e leis a mais que protegem a gandulagem. Aproxima-se o dia em que a revolta vai estalar; em que o “Zé” vai pedir contas aos políticos de faz-de-conta que elege e que governam este país (e os que fazem oposição também). Esta situação actual é insustentável, de curto a longo prazo, num país dito democrático. A menos que Portugal baixe os braços a estes repetidos e já banais “casos isolados” – não é assim que se diz, Sr. Ministro?

Manif 's

Algo não vai bem no ensino em Portugal. Senão vejamos:

- **Os professores manifestam-se.** Na última foram 150 mil! Estão contra o modelo de avaliação – apesar de muitos deles estarem mais contra *a* avaliação. Lá aparecem alguns com opiniões sustentadas dizendo que **se gasta demasiado tempo com as avaliações**, que são **demasiado burocráticas** e que avaliam **colegas de disciplinas distintas**. Outros ficam-se pelo «tá tudo mal», «isto é uma vergonha» e «ministra para a rua!»

Nesta matéria estou saudavelmente dividido. Se o modelo de avaliação é burocrático (bem à moda portuguesa) e que por isso os professores ficam com menos tempo – tempo destinado a preparar e dinamizar as aulas – então **o modelo tem de ser revisto**, senão quem sairá a perder são os alunos (e o país). Já para não falar que pôr, por exemplo, um professor de Educação Física a avaliar um de Matemática não cabe na cabeça de ninguém! Quer dizer... *cabe na cabeça da pessoa que mete um professor de Educação Física a dar substituição de Matemática* (como já aconteceu). E viva as aulas de substituição (!), que nos leva ao segundo ponto deste post.



Acho que esta **avaliação dos professores é imperativa**, pois com tanta oferta e variedade de professores que há no

“mercado” (ou pelo menos havia) é **preciso seleccionar e compensar os bons professores**, tal como disse a Ministra da Educação. Contudo, está visto que é preciso trabalhar e aperfeiçoar este modelo. A Ministra está disposta e diz que ainda não recebeu qualquer proposta; os mesmos sindicatos que assinaram em como aceitavam o modelo estão agora a organizar manifestações; mas que hipocrisia é esta? Em vez de andarem pelas ruas com bandeiras, concentrem-se em arranjar propostas! Se está mal, então digam como é que ficava bem! Se não dão ideias, depois não se queixem que não gostam do modelo. **PARTICIPEM!** Não é só a dizer mal que se avança!

- **Os alunos manifestam-se.** Estão contra o novo estatuto do aluno. Reclamam o “direito a faltar” que lhes será tirado com este novo estatuto.

Não está já na altura de dar ouvidos, pelo menos uma vez, aos estudantes? Primeiro vieram as *aulas de substituição* que foram o maior embuste que já se viu. **São rigorosamente inúteis!** A maior parte dos alunos nem sequer aparecia, mesmo sabendo que tinha falta. E quando íamos, passávamos o tempo a falar, a jogar às cartas ou a fazer absolutamente nada. Enquanto podíamos ir para casa, ou estar a apanhar ar na rua, ou descansar, tudo seria mais frutífero que estar fechado naquelas quatro paredes.

E agora querem proibir os alunos de faltar. *Para quê*, pergunto eu? **Qual é a *mais-valia* para os estudantes?** Se um aluno falta ou não, o problema é unicamente seu. **Se falta, ó menos não chateia quem está na aula.** Se na universidade nem sequer se marca faltas, porque é que no secundário se há-de castigar quem falta? Um aluno que tem um bom professor e que por

isso **vai sempre às aulas e sabe a matéria não tem o mesmo que valor que um aluno que opte não ir às aulas mas que sozinho saiba a matéria tão bem quanto o outro?** E se o professor explica mal e as idas às aulas não passam de pura perda de tempo? Deve o aluno ser obrigado a ir à aula? Cada aluno tem o seu método de estudo, porquê esta rigidez absurda, inexistente na universidade?

Mas, nem tudo vai mal. E **este blog não serve só para “dizer mal” e dirá bem sempre que se justifique** – *o que nos tempos que correm é raro!* (hahahaha) Fiquei a conhecer que o GAVE criou um novo site de apoio ao estudo – <http://bi.gave.min-edu.pt/bi/>. Tem um design simples, sóbrio e agradável. Os conteúdos também são interessantes e pareceram-me úteis – novos exercícios são sempre bons.

Humilha-me, por favor!

A praxe deve ser a prática mais retrógrada e inútil existente na universidade.

Praxe não é integração, é humilhação!

Não percebo estes estudantes: queixam-se dos professores, queixam-se das propinas mas concordam

com a praxe. Atentem o comentário desta estudante de Coimbra que comprova a **chantagem invisível** por detrás da praxe:



*«Não é que eu tenha nada contra as pessoas gostarem de fazer figuras de tristes... mas pessoalmente, dispenso. Por acaso (...), tenho muitos amigos fora do meu curso e posso dar-me ao luxo de me declarar anti-praxe e não me preocupar com isso. Mas há quem não possa. **Há quem esteja sujeito a uma grande pressão. Há quem não conheça ninguém... logo, não tem grande opção. Ou sentem-se "obrigados" a sujeitar-se àquilo.***

*Façam almoços, **organizem eventos** desportivos, **façam como no resto das universidades deste mundo.** Eu não fiz figuras de parva e tenho amigos na faculdade. **Foi um risco**, mas fiquei feliz por saber que nem todos são iguais.»*

O que é a praxe? Para que serve? Bem, segundo o presidente da Associação de Estudantes da Uni. de Évora é «*um **hábito antigo** e que **nunca suscitou qualquer queixa** por parte dos caloiros, bem pelo contrário*». Sim, é um hábito – daqueles hábitos que são feitos há tanto tempo que já ninguém sabe realmente porque é que o faz, apenas que é tradição. Agora dizer que “nunca suscitou qualquer queixa” é um pouco demais. A lista de caloiros que foram a tribunal processar comissões de praxe não é assim tão pequena, **já para não falar de todos os caloiros que calam** e que **não estão para se meter em processos** jurídicos ou que **têm medo de sofrer represálias**.



Estas declarações do presidente da A.E. ao jornal DN vieram na sequência de várias queixas por parte de caloiros – olha, pelos vistos até há queixas – aos funcionários da Uni. de

Évora. Ao que parece, é “**tradição anual**” os alunos do pólo da Mitra serem sujeitos a rastejarem em excrementos de animais. Se aprofundarmos o discurso desta pessoa que supostamente defende os direitos dos estudantes, reparamos que as incoerências são mais que muitas e os argumentos fracos

1. «*Esta é uma manifestação cultural que deve ser respeitada.*» **Obrigam alunos mais novos a rastejar em merda é uma manifestação cultural?** Na minha terra, chama-se a isso perversidade e javardice. E a integridade (física e psicológica)

dos estudantes que devias proteger não deve ser respeitada também?

2. «Admito que há abusos casuais, (...) sou contra os excessos.» Se admite que há abusos porque é que disse antes que nunca houve queixas? **Se rastejar em excrementos não é excesso, o que será?** Comer excrementos? Deve ser... porque assim todos os anos tinham o trabalho de arranjar sempre *merda* nova, porque os glutões dos caloiros davam cabo do stock.

Quando pessoas com este tipo de discurso e opinião são postas à frente de Associações de Estudantes, não é de admirar que a continue a ser aceite e incentivada. Só para “enterrar” este triste de uma vez por todas, fica aqui a última declaração dele: «*Pessoalmente não a considero a mais correcta, mas **todos os alunos daquele curso gostam de passar pelo esterco** e alguns de 2º ano até podem para passar por aquilo outra vez*». Só falta dizer que as comissões fazem o favor de arranjar excrementos para fazer a vontade aos *porquinhos* dos alunos, que adoram chafurdar...

Resumindo, e para que não haja dúvidas, no dicionário da nossa língua, praxe é um «*uso estabelecido; conjunto de convenções praticadas em diversas universidades pelos seus alunos e que se destinam à recepção dos caloiros.*» Pois bem, em lado nenhum é possível ler a palavra “integração”. E de facto, serve para tudo menos isso.



A praxe não passa de uma tradição que veio a *refinar-se* ao longo dos anos. **Nada deve ser praticado cegamente apenas porque é tradição.** Há alguns anos também era tradição torturar pessoas contra o regime regente; o homem bater na mulher; enforcar crianças que roubassem. E no entanto, actualmente, toda a gente reprova esse tipo de coisas e são proibidas/reprováveis. **O que seria de nós de fosse tradição *matar* caloiros nas praxes, se bem que já aconteceu.**

A praxe deve integrar/ambientar e não é humilhando e fazendo chacota dos caloiros que ela é conseguida. Façam jogos, actividades, debates, conferências, conversas informais. Revoltem-se contra as praxes, marquem a vossa posição. Qual é o gozo de terem amigos apenas por terem rastejado em excrementos e não pela pessoa que são? Há uma **máfia por detrás das praxes, que não quer perder os direitos que alcançaram nem o divertimento/gozo que lhes dá fazerem pouco das pessoas. Que tipo de valores estamos a passar aos futuros adultos? Que tipo de mundo queremos?**

Enfim... este assunto tinha “pano para mangas”, mas acho que deixei passar o essencial. Não se esqueçam que **a praxe**, ainda este ano, **foi proibida por lei** e mesmo assim **foi praticada**, com **reitores a olharem para o lado** depois das comissões terem uma conversinha com eles. Isto é grave.

Natal XXI

P.S.: Não é aconselhada a leitura a quem acredita no Pai Natal.

Olha que rica invenção... É certo que é uma das mais belas alturas, ou pelo menos era. O que é o Natal afinal? Bem, costumava ser uma altura de alegria. Uma altura de férias e portanto descanso do corpo e da mente.

Prendas? Sim, algumas. Mas porque é que se oferecia? A quem, com que propósito? Ofereciam-se principalmente às crianças, donde nasceu a expressão «O Natal é das crianças». Era um momento mágico, ansiado por elas todo o ano. E, a meu ver, o propósito era o de **fomentar na criança uma série de valores e hábitos** que a tornavam um ser melhor. Isto porque, “segundo reza a história”, **o Pai Natal só dava prendas às crianças bem comportadas**, o que, logicamente, incentivava as crianças a “portarem-se bem”. Faz sentido. Junta-se o útil, fazer a criança **crescer**, ao agradável, dar uma prenda e ver a reacção da criança.

Mas que tipo de Natal temos nós agora? Bem, continua a ser um período de férias, mas servem para tudo menos descansar. Este tempo livre, converteu-se em horas de idas ao centro comercial, às lojas, às montras, corredores, enfim... **A alegria tornou-se em desconforto, pressão, até mesmo stress!** Tudo isto porquê? Porque a *indústria*, ou a própria sociedade, institucionalizou que nesta época **todos têm de comprar** o que quer que seja para **todos**.

A prenda **perdeu o significado**, o simbolismo, o valor. Banalizou-se. Ainda há dias estava uma *mãe* no Toys'r'us com um puto, perguntando com desdém: “Vá, escolhe lá um... olha este tão giro; então e este?; não gostas daquele?” ao que o miúdo respondia sempre *não*. Isto é o Natal? **O Natal tornou-se uma obrigação, uma despesa, uma alienação, uma paranóia geral.**

Numa época em que se fala tanto no desperdício, consumo, sustentabilidade, recursos limitados, resíduos acumulados, etc., não faz muito sentido a nossa atitude actual face ao Natal. É já característica a imagem dos caixotes do lixo a transbordar de embalagens e papéis nos dias seguintes a 25. E **porque raio é que todas as prendas, só são consideradas prendas, se forem em forma de caixa embrulhadinha?** De qualquer das maneiras, **os melhores presentes não vêm em embrulhos.** Algum miúdo daria valor a receber um envelope com um *link* onde podia fazer download de um jogo previamente comprado via internet? Os jogos seriam vendidos mais baratos (menos de 10% do valor de jogo revertem ao seu criador, o resto é gasto em despesas de transporte, embalamento e de colocação numa loja) e mais amigos para o ambiente. Não faz sentido, converter algo digital para um cd para depois voltar a ser tornado digital no pc do utilizador...

Pára um pouco e reflecte sobre o que se tornou o Natal. Muda os teus costumes. Quantas vezes já se perguntaram: «o que é que lhe vou oferecer?», «isto é muito caro...», «isto é barato de mais». Tudo isto não faz sentido. Quando queremos oferecer, oferecemos sem cerimónias nem datas marcadas, senão depois caímos no ridículo de pensar coisas do género: «o ano passado não deram nada», «o que deram era mais

barato», «não servia para nada, por isso vou dar uma coisa igual», etc. O Natal tornou-se uma competição?! Estamos a dar “prendas” de forma calculista e vingativa, agora?

Até o Natal está em crise... em crise de se extinguir.



Era um Magalhães, faz favor

P.S.: Se é um aficionado do portátil Magalhães, este post vai desiludi-lo. Pense bem antes de o ler.

Quem é que ainda não ouviu falar do famoso *Magalhães*? Ou nas notícias, ou no Gato Fedorento, este nome é sinónimo, ou de Choque Tecnológico, ou de barrigada de riso – *respectivamente*. Há quem diga que foi uma grande iniciativa/ideia deste governo, muito útil e muito louvável.

Para começar **a ideia nem sequer foi nossa**,

nem tão pouco fomos os primeiros a implementá-la. Itália, França, Brasil, todos eles já tinham implementado os ditos “escolinhas”. Mas todos esses países são países ditos desenvolvidos, dizem vocês.

Certo, mas até a Índia e o Vietname nos passaram à frente e estão apenas em “vias de desenvolvimento”, respondo-vos eu.



O curioso da história vem agora. Lembram-se do meu *post* acerca de Portugal ser um país de coincidências? Lembram-se do caso do Jorge Coelho e do concurso público que nunca existiu? E não é que **a produção do Magalhães foi entregue à JP Sá Couto sem qualquer concurso público, outra vez?** Pelas notícias, soube-se também que esta empresa estava **indiciada por fuga e fraude ao fisco**. Mas alguém a castigou por isso? Vamos ver se também neste caso, *a culpa vai morrer solteira*.

Mesmo que a JPSC seja condenada culpada, e tenha de pagar a indemnização que o estado pede, não vai haver grandes problemas em pagá-la isto porque, só no ano de 2008 (ano em que lhe foi entregue a produção do Magalhães) **esta empresa teve um crescimento de cerca de 1500%!!** Não foi 15, nem 100, nem 1000, mas *1500%*! Nem sabia que isso era possível! Em termos práticos, é o mesmo que ao fim de (menos de) um ano, a nossa empresa render 30 vezes mais! Tendo em conta que com a fuga ao fisco apenas lucrava 4%...

Mas vendem-se assim tantos portáteis Magalhães? Nem por isso. Ora vejamos, o número de câmaras (e famílias) de todo o país que tem acesso ao portátil é ainda francamente reduzido. Num conselho do Norte, **nas suas 14 câmaras apenas 4 tinham o Magalhães nas suas escolas**, precisamente **as que eram do PS**. E o facto é que por Portugal fora as câmaras PS já têm Magalhães ou já estão quase a tê-los, enquanto as outras, *ficam a ver navios* – uma analogia interessante. Perante isto, só tenho a dizer que Portugal é um país de **coincidências**, de facto.

Agora, além dos miúdos perguntaram de onde vêm os bebés, também vão perguntar porque não vem o seu Magalhães e de forma semelhante os pais vão ficar sem saber o que dizer ou responder da mesma maneira – “olha filho(a), quando fores grande vais perceber”.

Mas **será assim tão importante, útil e urgente essa nova maquina?** O que vem acrescentar à educação portuguesa ou à instrução dos miúdos? Sinceramente, não vejo grande utilidade nele. Ainda tão pequeninos e já andam a **gastar os olhitos com o ecrã de um portátil** (e então que ele é grande e vêem-se bem as letras...). Em segundo lugar, já basta os jovens

apanharem com as **máquinas de calcular no ciclo**, que lhes **atrofia** sem dúvida **o seu cálculo mental**. Agora na primária, darem-lhes um portátil para a mão? Além de ele lhes fazer as contas, **o Word até vai escrever por eles e corrigir-lhes os erros ortográficos**.

Vamos ter uma juventude, que já vai entrar no ciclo, além de não saber fazer contas de cabeça, com uma ortografia e caligrafia temíveis. Qualquer dia, é mais útil e saudável para os putos ensiná-los pessoalmente, do que mandá-los para as escolas entupidas em burocracia e avaliações. É o país que temos. E parece que todos gostam dele assim.

Bicicletas é que não!

O tempo está bom e é de férias. Estes são os ingredientes perfeitos para a malta vir dar um passeio até à rua (e eu não fui excepção). Queria ver o progresso da construção do novo Estoril Sol e aproveitava e fazia uma bela duma caminhada. Felizmente, os paredões estão a tornar-se mais comuns (Oeiras e Estoril) e melhores. A vista é agradável e todo aquele trajecto plano é uma delícia para os pés... e para as rodas.



O percurso era S. Pedro – Ponta do Sal – Tamariz - Paredão Estoril – Cascais e tudo para trás depois. Durante a longa caminhada tive de *engolir vários sapos*. Acontece que ainda sou do tempo – não foi há tanto tempo assim – em que o percurso de terra batida da Ponta do Sal era permitida a pessoas em geral, mas agora quem lá passar de **bicicleta arrisca-se a perder calorias e... 25€** (coima). Indignado, continuei a pé (*que remédio*) até à Praia da Azarujinha (início do paredão). Antes de descer as escadas que dão acesso à praia, **novo sinal a proibir bicicletas**. Começa a tornar-se um hábito já...

Apesar de ser um dia de ponte, às 15h, circulava-se bastante bem no paredão, que é maioritariamente largo diga-se; **uma boa obra, sem dúvida. Só é pena que tão boa obra só possa ser usufruída por alguns afortunados...** Continuei caminho e reparei que se via *mais gente a encher balões d'água do que propriamente gente mascarada. É este o Carnaval que temos* – “todas as alturas são boas para nos meter-mos com os outros,

mas fazê-lo com a desculpa de uma celebração é outro descanso”.

Um dos acessos à praia da Poça havia sido tomado por um bando de skaters. Como é sabido, os skaters que se vêem são na sua maioria “amadores” que andam a treinar movimentos. Nada contra, até é giro de se ver. Por outro lado, é um facto (compreensível) que são inúmeras as vezes que ‘caem’ para um lado e o **skate** para o outro, não propriamente devagar. É **um objecto descontrolado, com velocidade, ao nível do chão.**

Patins, também os havia. No que diferem de uma bicicleta? **Andam aos zigue-zagues e não têm travões eficazes.** O skate não os tem mesmo. Uma bicicleta anda em linha recta (trajectória previsível), tem travões que travam de facto (imobilizando-se no momento exacto) e ainda têm volante (que permite controlar ainda melhor a trajectória).



No entanto, nenhum destes dois objectos foi proibido. Porquê? Porque há mais gente a andar de bicicleta do que de skate/patins. Às vezes até dá jeito estar numa minoria pelos vistos. Porque **alguém decidiu embirrar com a bicicleta**, não há outra explicação. **Todos os argumentos (inválidos) em que se basearam para banir a bicicleta poderiam ser aplicados (com mais fundamento) ao skate, patins e afins.**

Dizem que uma roda de bicicleta está à altura de uma criança pequenina (é mais chocante assim). O ciclista não vê por onde anda, bate com a roda na cabeça do puto e mata-o (que para eles não há meias medidas). Também posso argumentar que *um skate desgovernado ceifa as pernas de uma criança, que se*

desequilibra e bate com a cabeça no chão, ficando tetraplégica. É tão rebuscado como o argumento do ciclista.

Durante o longo percurso deparei-me com tudo isto. Foram várias as famílias em bicicleta que passaram por mim sem me incomodar ou sentir perigo. No entanto, *passou um casal em patins por mim que se não me desviasse tinham-me batido. Em todo o lado há pessoas responsáveis e idiotas. Se o argumento fosse a segurança dos utentes da via, não haveriam carros nas estradas. Não se pode banir um meio de transporte só porque há umas quantas “ovelhas negras”.*

Como disse, vi vários ciclistas que não me incomodaram. No regresso, numa descida para a entrada do paredão, passou por mim um comboio de bicicletas (entre os ± 8-16 anos, mais raparigas que rapazes, sem ofensa) em que a líder do grupo disse: “Dêem balanço! As pessoas desviam-se!”. Um exemplo gritante de irresponsabilidade. Enquanto **todos os outros ciclistas andavam devagar** no paredão, aqueles que iam entrar ainda aceleravam! Em todo lado há gente estúpida, mas que se pode fazer?! **EDUCÁ-LOS, NÃO PROIBIR** (indistintamente).

Com um pouco de boa-fé, responsabilidade e maturidade, **todos podiam andar no paredão**. Assim criam-se atritos desnecessários entre as pessoas. Já nem vou buscar o **argumento do meio ambiente** e de estarem sempre a **pedir às pessoas para não usarem o carro e fazerem desporto**, senão nunca mais me calava!

P.S.: No total, **vi mais cães** (incluindo na areia, a ‘marcarem território’) **que bicicletas**. Animais cujo “cérebro é o instinto”, a passarem lado-a-lado à cintura das pessoas (e à cabeça das

tão protegidas criancinhas) ... Estará isso correcto também?
Pensem antes de agir proibir.

Doraemon contra-ataca

Há umas semanas atrás, tive conhecimento de mais uma notícia caricata.



Todos nós conhecemos o tão afamado **Magalhães**, o portátil dos miúdos. Muita tinta já correu acerca deste “menino”, sendo o assunto mais recente os **erros ortográficos** nele incluídos. **Eu não tinha dito que, com este portátil, os miúdos iam ficar a falar AINDA pior Português??** Pois bem, este “descobridor” navegou até vários continentes, desde a América do Sul até à Ásia, e “conquistou” vários territórios para Portugal. Mas pelos vistos agora **encontrou um adversário à altura: o *Doraemon*!** (ahahahahahah – desculpem, não me contive!)

Se são da “nova geração”, devem conhecer os desenhos animados Doraemon, que eram transmitidos no Canal Panda – originalmente falados em Japonês, dobrados em Espanhol, legendados em Português (sem exageros, era mesmo assim). Este “gato do futuro” era conhecido por tirar os mais fascinantes e úteis utensílios da sua bolsa. Ao que parece, desta vez tirou da sua “cartola” um **classmate pc que é a cara chapada do nosso Magalhães**.

Estou a falar a sério. Se não soubesse da notícia, tinha dito que tinha sido um miúdo que tinha posto um autocolante no

Magalhães dele. Quem autorizou isto? O portátil não é «totalmente Português», Sr. Primeiro-ministro? O design não é Português? **Onde estão os direitos de autor nestas situações? Onde moram as acusações de plágio?** O que querem mais, que escrevam lá “*copiei este design aos tansos dos tugas e não paguei um tusto*”?



Mais um caso de hipocrisia que faz este mundo girar. Numa altura de crise, como gostam muito de falar, **todos os negócios que Portugal consiga arranjar são preciosos** e agora que o nosso portátil ia de vento em popa **vem alguém de fora e copia-o à descarada**. O que virá a seguir? O *portátil do Noody*? O *Ruca Banda Larga*? Nestes casos, toda a gente cala e toda a gente consente, **mas quando um desgraçado partilha/recebe uma música caem-lhe uma dúzia de empresas discográficas em cima!** E para que não venham dizer que não prejudica o negócio de ninguém, os *Doraemalhães* são vendidos a 385€; os nossos vão desde 0€, 20€, 50€ e, no máximo, 285€.

«*That's the world we're living in*», como diz a música.

Se me pagares, eu faço-te legal

Está de volta. De novo, uma operadora móvel vem com o serviço de download de Música Ilimitada. Os anúncios já andam por aí e a notícia [aqui](#). O que se trata então?

«Este serviço permite o acesso a 1 milhão de faixas de música das principais editoras nacionais e internacionais. (...) O serviço de Música Ilimitada permite ouvir e descarregar todas as faixas que o Cliente quiser, tanto no telemóvel como no PC, por um valor mensal de €6,99, menos de metade do preço de um CD de música.»

Convém lembrar que o download, perdão, o ***download grátis de músicas da internet é ilegal***. Contudo, já se pode fazer o ***download pago*** de músicas na internet a 1€ cada – apesar de só as podermos gravar um número limitado de vezes (normalmente três); *compramos uma coisa e ainda nos dizem quantas vezes a podemos usar, mas isso é outra história*.

Portanto este serviço inovador consiste em **pagar 6,99€/mês à operadora e sacar tantas músicas quanto conseguires... mas não era ilegal? Era se não deres dinheiro a ganhar a alguém**. Se pagares a uma loja de música online, eles agradecem e dizem “legal”. Se pagares a uma operadora que vende telemóveis e tarifários, eles rejubilam e dizem “legal”. É como ir a uma oficina comprar camisolas de lã e eles dizerem que são as melhores.

No caso da loja online, eu não faço ideia **que parte do 1€ vai realmente para o artista...** mas sendo uma loja de música

filiada aos artistas que lá têm as músicas, **acredito que mais de 90% do valor da música deveria ir para o autor, ou então estão a ser chulados.** Já no caso da operadora, tenho as minhas dúvidas...

Imaginem que adiro ao serviço e faço o download de 100 músicas. Isso quer dizer que estou a pagar cerca de 0,07€ por cada música, o que é 14 vezes menos do que se gasta numa loja online. E mesmo que 90% reverta a favor do artista, ele vai ganhar 0,06€/música. **Quantas mais músicas**



forem sacadas nesse mês, menos vai reverter (se é que reverte) **para o artista. Se eu sacar músicas para mim e para os meus amigos, digamos 500 músicas, cada música custa 0,01€ e o artista ganha 0!** Quem ganhou? A operadora. À custa de quem? Adivinhem.

Acho isto um bocado escandaloso. Se a pessoa faz downloads ilegais, queixa-se tudo que estão a explorar os artistas, que até ganham um possível fã que nos concertos dá-lhes muito mais dinheiro. **Se a pessoa faz downloads “legais” através deste serviço, alguém anda a ganhar à custa da exploração dos artistas, digo eu. Não é o mesmo que ir à feira comprar o cd “pirata”?**

Só mudam os vendedores...

Coisas de Agosto

- Derrocada de arriba em Albufeira; morrem 5

peessoas: Os avisos estavam lá, mas é sempre uma tragédia... quer dizer, para alguns foi um espectáculo. Sim, porque o mais fascinante de



tudo é ouvir os comentários idiotas dos banhistas mirones que por lá passavam: “Eu vim de Santarém e ‘tou a gostar. (Jornalista pergunta: e essa pedra que leva aí?) Ah, é recordação. Sabe, é que isto diz-me muito...” *(depois de pensar um pouco, calou-se e riu-se porque não sabia como explicar/continuar aquela frase; se tivesse vindo um bocadinho mais cedo ainda apanhava uma com sangue... fica para próxima)*

- Estreia de “Saw VI” para breve: Não serraram já tudo o que havia para serrar?! Que enjoo já...

- Dívida de 4 MILHÕES € de José Veiga prescreve: Não deixa de ser *curioso* como é que uma dívida de tantos milhões anda perdida nas finanças durante 10 a 12 anos sem que ninguém reparasse. Nem é a primeira vez que este ilustre “empresário” está envolvido em falcatuas, pelo que até deviam estar com mais atenção... ou então não, porque normalmente quanto mais se deve menos se paga. No mesmo dia sai a notícia de que uma empresa deve ao fisco 0,47€ (sim, 47 cêntimos) e estão a ponderar fazer uma penhora à empresa. Vão penhorar

o quê? Um agraphador? Uma borracha e dois lápis? Que @*#\$ de país este. [Fonte]

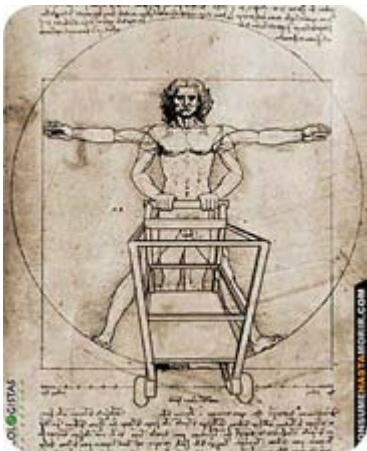
- **Distúrbios em Bairro do Seixal:** Mais do mesmo – há distúrbios, a polícia chega e é recebida à pedrada. Guerrinhas de “ele é que começou”. Os moradores dizem que a polícia chegou e começou a bater-lhes e a disparar tiros... vá lá, já arranjaram desculpas mais bem pensadas. A polícia não tem mais nada que fazer agora que é escolher um bairro e ir para lá disparar? Poupem-me. Ainda dão-se ao desprante de dizer: nós só fazemos o que eles nos fazem; eles atiraram pedras e dispararam e nós fizemos igual. Primeiro, têm armas e não pensam duas vezes em as usar, o que está mal. Alguns moradores barricaram-se num prédio a disparar contra a polícia. Segundo, se a polícia disparasse contra mim, nunca responderia na mesma moeda. By the way, a polícia também atirou cocktails molotov? Como apareceram então os dois carros incendiados? Quem os paga agora? Pormenores, não são?

Consumismo? Não, obrigado.

Estamos de novo na época natalícia, seja isso bom ou mau. Altura em que meio mundo anda a comprar e a embrulhar meio mundo para oferecer. O nosso senhor Primeiro-ministro já tem no sapatinho um sem número de suspeitas/casos. O palácio do Presidente da República tem uma árvore com uns cinco metros, mais de uma centena de bolas, laços, etc., e estamos nós em crise e em contenção de despesas... bem, alguns... os mesmos de sempre. É “*à grande e à portuguesa*”, como se costuma dizer.

Há um ano o disse e volto a relembrar, não sejam consumistas descontrolados, **não comprem mais do que podem, não ofereçam mais do que querem, sejam responsáveis e conscientes nas compras que fazem**: O que estou realmente a comprar? **Que utilidade vai ter e durante quanto tempo? Não comprem por obrigação**, nem tudo aquilo que vos pedirem se acharem que não é uma compra responsável/útil/duradoura.

O fim-de-semana passado, na RTP2, passaram os documentários “Home” (Sábado) e “A 11ª hora” (Domingo). Quase parecia uma lavagem cerebral, no bom sentido claro (hahaha). Deixam-me sempre algo deprimido, frustrado e enervado pela importância, urgência, hipocrisia e impotência que associo a este tema. É como o *Titanic*, dizemos que há um iceberg em frente e os outros dizem que o navio aguenta e que não afunda... até que afunda.



Houve uma ideia em especial que achei muito pertinente: “O Homem deixou de ser observador, desligou-se da Natureza. Apreciar uma paisagem, as nuvens, os seres vivos, os sons, etc. Quem tem tempo e locais para isso? Tempo para cuidar de si e fazer algo que realmente lhe dê prazer? Então cria-se um vazio, uma necessidade de prazer que

precisa ser saciada. Aí entra o consumismo e a promessa perversa de bem-estar imediato após a compra. Mas **o vazio mantém-se porque não era isso que realmente precisava. Quer comprar mais, mas para comprar mais precisa de mais dinheiro, o que implica mais trabalho, menos tempo, menos vida** e o **ciclo vicioso** está fechado e o efeito bola de neve criado.”

Pensem nisso e aceitem o desafio. Quando comprarem algo pensem naquelas perguntas: Preciso mesmo disto? Porquê? Para quê? Quais as alternativas? O que deixo de comprar para comprar isto?

Simply the best!

Para calar aqueles que estão sempre a dizer que nós (portugueses) não somos bons a nada, recolhi estas medalhas ao longo do ano dos noticiários. Ora deliciem-se:

2008 - 1º da Europa com mais mães adolescentes.

2008 - 1º da Europa onde mais aumentou a SIDA.

2008 - 1º da Europa (27) com o maior fosso entre ricos e pobres.

2008 - 2º da Europa onde é mais fácil fazer entrar droga no país.

2008 - 3º da Europa com a gasolina mais cara.

2008 - Entre os 6 piores países da UE com os piores cuidados de saúde.

2009 - 1º da Europa com os jovens mais deprimidos e pessimistas.

2009 - 1º da Europa com o povo mais deprimido e triste.

2009 - 2º mais pobre da Europa (salário per capita).

2009 - O salário médio em Portugal é 700€ mais baixo que a média europeia.

2009 - 2º país da Europa com os alunos mais indisciplinados (16% do tempo de aulas é perdido a mandar calar).

2009 - 3º da Europa com os carros mais caros. 21% mais que em Espanha.

2009 - 5º país da Europa com a gasolina mais cara.

2009 - Funcionários públicos são os que trabalham menos tempo (35h/semana) de toda a Europa. *[e ainda se queixam]*

2009 - 8º da OCDE com as tarifas do telemóvel mais caras.
2009 - Preço da internet acima da média europeia (15)
2009 - Penúltimo da Europa (18) em termos de segurança das crianças.

Então?? **Somos ou não somos bons?!** Ah e temos o melhor jogador do mundo inteiro! Mas quando ele joga do nosso lado nunca somos campeões de nada...

Pode ser que para o ano apareçam notícias mais positivas, estas foram as que apanhei.

Fontes: RTP, SIC, TVI



Sequelas intermináveis

Há algum tempo que ando para escrever sobre este tema: as sequelas de filmes. Pois é, parece que é a nova epidemia.

Para terem uma ideia do que estou a falar, e para recordar-vos um pouco, aqui vai uma lista curta que fiz com o nome do filme e à frente o número de filmes/sequelas que possui actualmente. Os (?) significam que está anunciado uma nova sequela para esse filme.

Saw: 1, 2, 3, 4, 5, 6... 7 (?)

Shrek: 1, 2, 3, 4

Pirata das Caraíbas: 1, 2, 3... 4 (?)

Spiderman: 1, 2, 3... 4 (?)

Ice Age: 1, 2, 3

Toy Story: 1, 2, 3

Batman: 1, 2... 3 (?)

Iron Man: 1, 2

Madagáscar: 1, 2

Carros: 1... 2 (?)

Realmente o Saw é o grande campeão. Sete filmes? Não será exagero? Não será... ridículo? Para mim este é um dos problemas: **as histórias vão sendo tão retorcidas e reinventadas para dar a lugar a mais e mais sequelas, que começam a tornar-se irritantes, “pegajosas” e ridículas.** Ex: o slogan do Shrek 4 é “The Final Chapter” (O Último Capítulo) que me parece um acto quase de desespero do género: “É só mais este, vá lá, depois já não vos chateamos mais”. Este para

mim é dos filmes que mais perdeu com as sequelas, é sempre ***mais do mesmo***, ou melhor dizendo menos do mesmo. Lembrem-se dos Morangos com Açúcar, por exemplo, que já deve ir na sequela XXXVIII, o que é pode haver de novo ou de melhor?



Já li entrevistas das pessoas envolvidas no desenvolvimento das sequelas dizerem algo do género “ainda estamos a pensar o que havemos de inventar/incluir”, como se todos os anos fosse obrigatório sair uma sequela do filme. Parece que existe uma **pressão sobre o cinema para produzir sequelas**, como se isso fosse bom ou desse mérito. Ainda esta semana saiu o Avatar (que gostei muito, porque tem um argumento bom e actual) e já estão a falar na possibilidade do Avatar 2. Não acham isto exagerado/paranóico?

Este é outro dos problemas, a meu ver: em vez de gastarem energia e recursos preciosos a fazerem sequelas atrás de remakes, **porque é que não pegam nos milhentos livros/histórias/contos que existem pelo mundo fora e adaptam essas obras ao cinema? Já existe tanta coisa e tão bem escrita para que havemos de perder tempo a “reinventar a roda” só porque sim? Compensa?**

Fiz uma busca na wiki e parece que às vezes sim. Comparando o filme Terminator com a sequela Terminator 2, houve um crescimento de 434%! Seria assim tão boa a sequela? Já o filme Ice Age e Ice Age 2 teve um modesto crescimento de 11%.

Transformers 2, um argumento fraquíssimo a meu ver e montes de efeitos especiais. **Actualmente um filme com bons efeitos é um bom filme.** Ex: King Kong (2005) e dirão que é um filme fantástico; King Kong (1976) e dirão que é simplesmente estúpido. A história é a mesma, só mudou a tecnologia... **Experimentem fazer este raciocínio:** *«hum... se este filme não tivesse estes efeitos especiais, o que é que sobrava? alguma coisa? de jeito?»* **Se sobrar alguma coisa então o filme é de facto bom, senão é meramente fogo de artifício durante 1h30** (e cada vez mais longos). No caso dos Transformers 2 são mais de 2h de tiros e explosões; é daqueles que espremido fica em nada.

Plágios para todos os gostos

Gritam a pulmões vivos *salvem os autores da pirataria...*
queixam-se de plágios...
Mas será que alguém tem olhos na cara? E será que já
ninguém tem imaginação?!

Este ano, pelos vistos, os “Morangos com Açúcar” da TVI foram
imitar o filme Fame.

Ninguém se queixou. Agora é a vez de “Lua Vermelha” da SIC ir
imitar a saga Twilight...

Ninguém se queixa.

E se a RTP imitar o Avatar? Arranjam uma secundária onde os
jovens são todos azulinhos e têm caudas. Pode ser? Vá lá, vai
ser giro!

É que nem se deram ao trabalho de mudar a história. O que
me fartei de rir: parecia que estava a ver o Twilight mas com
actores portugueses! hahaha Em certas alturas os discursos
pareciam citações do livro/filme.

Ao que parece a miúda chama-se Isabel e a sua personalidade
parece tirada a papel vegetal da original Isabella. Pelo menos
ele chama-se Afonso, podiam-no ter chamado *Eduardo*, não?
‘Tão a falhar pá! Estava sem dúvida curioso com a estreia.
Enfim, vamos ver o que isto dá. Pelo menos o cenário é bonito:
Sintra/Cascais. O que acho mais estúpido é porem os vampiros
a fazer ruídos de cão/urso... fica mesmo esquisito.

Estamos a falar do mesmo país?

Às vezes não ficam com a impressão de existirem dois "Portugais"? Experimentem ver as notícias gerais e depois o *Nós por cá* (SIC) ou o *Plano Inclinado* (SIC Notícias).

Há um Portugal pobre e roto, onde o desemprego é de 10,4% e o défice de 9,3%. Onde a economia está estagnada, o país em crise, o dinheiro do Estado a escassear. Onde, em nome na crise e da sua recuperação, se baixam reformas e se congelam salários. Não porque queremos evoluir e recuperar, mas porque caso contrário deixam de nos emprestar dinheiro. Perdemos o crédito estrangeiro, porque não temos crédito no estrangeiro.

Depois há um Portugal paralelo, onde o mesmo ministro que faz os cortes também faz acrescentos, autorizando em orçamento que se gaste +3,4% na compra de carros, telemóveis e afins, para os políticos. E mesmo depois de tanta conversa e debate com a oposição acerca do orçamento, deixam-no passar, e ele é aprovado.



Um Portugal onde a líder da oposição ganha mais em pensões que o Primeiro-Ministro. Onde se pergunta aos ministros se também eles estavam dispostas a abdicar de parte do seu

salário – tal como na Irlanda – e apenas um responde afirmativamente – e não o das finanças que congelou salários. Congelamento esse que poupará 100 milhões ao Estado, mas que é apenas 1/3 dos 328 milhões que o Estado gasta em medicamentos que acabam no lixo sem chegarem a ser usados.

De que lado estamos?

22 de Fevereiro de 2010

“A Assembleia Oculta”

Há duas semanas, fui visitar a Assembleia da República durante a “discussão do Orçamento de Estado 2010”. À entrada deparei-me com uma fila de centenas de estudantes em visita de estudo. Daqueles estudantes que estão dispostos a ir a qualquer lado, mesmo à Assembleia, só para não terem aulas.



O interior é de facto amplo, agradável e imponente... só acho que está a ser subaproveitado, porque o que se passa lá em baixo não merece o espaço. **Sendo a discussão do OE – e estando nós num período tão crítico – esperava ouvir de todos os partidos ideias, problemas, soluções, realidades, propostas e afins.** Será pedir muito?

Nada fiquei a saber acerca do presente e futuro de Portugal. Em vez disso, só pude presenciar **ataques pessoais, trocas de palavras azedas e adjectivações rebuscadas** que só os deputados conhecem.



Também percebi que **há partidos** que a sua única preocupação é, qual polícia sinaleiro, acusar que um partido está mais à *esquerda* do que devia ou mais à *direita*... e enquanto andam nisto, o país que devia ser *central* só tem um sentido: o *descendente*.

De vez em quando vinham uns **extensos monólogos** feitos do pedestal, **em que o deputado lançava fartas para todos os partidos excepto o seu (que enaltecia)** e que nada acrescentavam ao OE.

Tinha dificuldade em concentrar-me nesses discursos. Em parte por serem enfadonhos e não terem substância, mas principalmente porque havia um **corrupio de coisas a decorrer entre os restantes deputados**, também eles alienados do discurso (e de tudo!).

Uma grande parte deles **via os mails**, outros tantos **falavam ao telefone** uns com os outros (com a mãozinha a tapar a boca) e outros consultavam o telemóvel. Volta e meia **levantavam-se, iam até às mesas dos outros onde**



se debruçavam e conversavam animadamente e riam. O burburinho de fundo era constante. Uns **viam o facebook**, outros viam aqueles mails que tentam adivinhar o número ou cor em que a pessoa pensa (a deputada pensou no 13). Outro deputado ao lado dela via um **powerpoint com fotos do**

Garfield e outras tantas máximas. E o outro ainda, **lia uma revista com carros, telemóveis e gadgets tecnológicos** (que vai comprar com os nossos impostos?). **Quando se fartou da revista, foi preencher o boletim do Euromilhões e do Totoloto.** Impressionante?



Entretanto, o tipo que estava ao lado do Presidente da Assembleia já estava de olhos fechados e cabeça encostada à cadeira. Para espertar, levantou-se, desceu a escadaria

toda, passou pelas mesas e foi-se sentar numa cadeira vazia da bancada de um partido, onde ficou também a conversar. Enquanto isso, **uma deputada usava o telefone para contactar um dos ministros, mas por engano o do lado atendeu e por isso riram-se a bandeiras despregadas por um bocado.** Só tenho pena que seja proibido entrar com máquina fotográfica (depois deste relato, vá-se lá saber porquê), senão teriam aqui um *delicioso* slideshow.

Que outra empresa permitiria este tipo de funcionários? Estes comportamentos? O problema é que **nós somos os patrões** desta “empresa Portugal”... e pelos vistos somos uns “*bons patrões*”.



Cada deputado tem no seu lugar um computador embutido na mesa. Regra geral, **80% dos monitores estão ligados, mesmo que não estejam a usar ou nem sequer lá estejam.**

Isto é que é ser ambientalmente responsável; isto é que é contenção de despesas. Até a **deputada d'Os Verdes** pegou na sua malinha, foi-se embora e deixou tudo ligado. Fantástico.



E há ainda dois engravatados cuja sua única função é distribuir copos de água pelos deputados. A outra é distribuir fotocópias que os deputados imprimem a partir dos computadores. Rico emprego... parece um café, com os deputados a levantarem a mão para o *barman*. Não podiam ser os deputados a aviarem-se? Já que andam sempre a passear-se pela Assembleia, não custava nada... “I’m just saying”. Viva a contenção de despesas.

Façam a visita. É grátis e diverte, além de instruir pois ficam a saber os reais políticos que têm a gerir o país. **É esta a gente que temos**: desde a base, com o tipo de estudantes, até ao topo, com o tipo de políticos. **Assim não admira que estejamos como estamos.**



E para acabar em beleza, ao sair da Assembleia pareceu-me ter entrado num **stand de automóveis**. Do lado esquerdo e direito, uma frota com pelo menos uma dezena de carros –

Mercedes, BMW, Audi, Volkswagen – cada um deles com um motorista lá dentro à espera de suas excelências.

Crise? Onde? Ou melhor: *para quem?*

20 de Março de 2010

Birras na Assembleia

Muitas coisas se têm passado. Tenho tentado conter-me mas torna-se impossível aguentar mais. Só me apetece gritar e esbofetear Portugal. Cada vez o meu descrédito e a desesperança é maior.

Lembram-se de eu ter relatado as inutilidades escandalosas que os deputados fazem na assembleia? E de eu ter dito que só tinha pena de não poder levar uma máquina fotográfica para poder partilhar convosco a verdade? Ontem tive de me rir, para não chorar, com a notícia de abertura do jornal da noite.

Nas **palavras de Jaime Gama: “Todos nós sabemos que os computadores que os senhores deputados utilizam não são computadores pessoais, são computadores de serviço público.”** Uma chapada de luva branca muito bem-mandada. E o Jaime Gama não disse mas digo eu: **“Ver o facebook, ver mails brasileiros, responder a correntes online, fazes na tua casa, no teu computador, não nos computadores pagos pelos contribuintes e muito menos durante o teu horário de trabalho!”**

Se estás com medo do fotógrafo é porque não estavas a usá-lo para serviço público. **Se proibirem os fotógrafos, então também terão de proibir as pessoas**, já que estas também elas têm olhos para olhar para os monitores. **E assim fecha-se a Assembleia e já ninguém pode ver o que se faz ou o que NÃO se faz lá dentro.** É uma implicação lógica. **O engraçado é esta**

sugestão partir de um elemento do mesmo partido acusado da suspeita de censura dos *media*. Deve ser só mais uma coincidência deste país.

Aquilo que temos



Os meios de comunicação em Portugal são medíocres, porque quem os vê é medíocre. Não sei se os *media* são manipulados, mas sei que o povo é manipulado. Funcionam como uma **bússola para o povo, indicando-lhes para onde devem olhar, o que devem pensar e quando.** Se decidem falar de assaltos então as pessoas sentem-se inseguras, mas na outra semana decidem falar de economia e agora as pessoas já pensam no futuro económico e já não se lembram da insegurança, e assim por diante. Os *media* são medíocres por o fazerem, mas só o fazem por sermos lhes darmos confiança e razões para o fazerem: **quando alguém não pensa, alguém quererá pensar por ela.**

Os políticos em Portugal são medíocres, porque quem os elege é medíocre. Sei que os políticos são maus, mas também sei que – *até provarem o contrário* – vivemos numa democracia. Como tal, os **políticos representam quem os elegeu** e os seus interesses ou valores. **Se são medíocres é porque representam os medíocres.**

A Justiça é tão medíocre que os processos deixaram os tribunais e resolvem-se agora na praça pública. As sessões

decorrem nos jornais e nas televisões. As fugas de informação estão por todo o lado, porque os segredos compram-se em saldos. Porque não se deixa a Justiça investigar e julgar? Porque é que os *media* vão à frente da Justiça, levando o povo atrás pela mão?

Somos o país do fado e da saudade:

- **Os políticos parecem gostar de brincar à censura,** manipulando a informação dos jornalistas.
- **Os jornalistas parecem gostar de brincar à PIDE,** investigando tudo e todos; sem escrúpulos, com o estandarte do “interesse público” bem alto. Que perverso “interesse”. Que medíocre “público”.

Não há bons nem há maus nesta história. **Todos lutam entre si e ninguém ganha** com isso. **O país está doente**, como se sofresse de leucemia. Em vez de se unir e evoluir e prosperar, faz precisamente o contrário: mina a confiança, semeia a discórdia – **o país dilacera-se a ele próprio.**

Em última análise, **tudo é medíocre porque está adequado ao povo que serve**, porque este não faz por merecer melhor. Acorda, Portugal.

País de poetas defuntos

*«Fernando Pessoa, Herberto Helder e Manuel Alegre são os poetas que mais livros vendem em Portugal. **No país dos poetas, há cada vez menos editoras a apostar na edição de poesia. Aquelas que o fazem dizem que as vendas estão a crescer. Já os livreiros apontam na direcção contrária e afirmam que a poesia se vende pouco. Apesar disto, as caixas de correio das editoras não cessam de se encher com manuscritos de aspirantes a poetas.**»*

Também enviei o meu, há uns bons tempos atrás. Na altura, nenhuma me pediu para lhe enviar os poemas para analisarem. Nem uma oportunidade deram. As que se dignaram a responder, disseram que já tinha o seu “portefólio de obras completo”. Se as vendas estão a crescer e somos um país de poetas, porquê tanto receio de ler ou editar poesia?

*« (...) há uma **nova geração muito aberta para a poesia, algo que não se traduz em vendas, pois a leitura e a troca de poesia faz-se, cada vez mais, na Internet.**»*

É um facto: **proliferam como cogumelos blogs de pessoas que escrevem poemas e versos. Alguns, poucos, escrevem realmente bem;** poemas com sentido e tocantes. Por outro lado, **a grande maioria não passa de um aglomerado de palavras,** que formam poemas vazios. **Quase parece que se**

estabeleceu que *quanto menos se perceber do poema então melhor ele é.*

«As coisas só nos interessam como entretenimento; tudo o que foge disso é rejeitado, como é o caso da poesia.»

Pois, a poesia obriga o leitor a pensar, algo a que a sociedade se nega cada vez mais.

«O bicentenário de Alexandre Herculano foi ignorado. Ser um dos nomes fundamentais da literatura e da História de Portugal não foi argumento suficiente para que o Ministério da Cultura lhe dedicasse um programa comemorativo.»

Não devia ser surpresa para ninguém. Já é sabido que **em Portugal só se dá (por vezes) realmente valor aos seus, depois de eles morrem, quando já cá não estão para receber as palmas e os louvores.** Enfim.

Piratas (des) mascarados

Qualquer estudante já tirou pelo menos uma fotocópia a um livro: não porque queria ir vender livros fotocopiados e matar os autores à fome mas porque precisa do material para trabalhar e não tem posses/interesse em comprar todo o livro. Mas «fotocopiar mata o livro» tal como as editoras gostam de dizer. É proibido e não sei se ainda não será crime...

Acho que as editoras ainda não perceberam a causa da pirataria. O princípio da **pirataria é adquirir algo a um preço muito mais reduzido do que o preço real e a mesma só subsistirá enquanto essa**



diferença for grande. Se o preço de imprimir da internet um livro técnico inglês for semelhante ao de encomendá-lo, a pirataria será preterida a favor do original. Este semestre tive essa opção e optei por encomendar o original da amazon, porque a diferença não era muita e o preço pedido era justo.

Mas isto aconteceu porque o preço original não estava inflacionado e por isso o “preço pirata” não era assim tão vantajoso. É assim que se combate a pirataria. O problema é que as editoras estão tão vidradas em *money, money, money*.

Vejamos. **Fiz uma comparação entre preços da Amazon (loja online – Reino Unido), Wook (loja online – Portugal) e Fnac (loja física – Portugal), para livros, filmes e jogos.** Os valores

falam por si. A coluna diferença diz *quantas unidades na amazon se podem comprar com o preço de uma na wook/fnac.* (os valores estão arredondados)

	Amazon	Wook	Fnac	Diferença
(Livro) Crepúsculo	<u>3,82 €</u>	<u>17,90 €</u>	<u>17,90 €</u>	5x
(Livro) Amanhecer	<u>8,57 €</u>	<u>18,91 €</u>	<u>17,91 €</u>	2x
(Livro) Crónicas de Narnia	<u>3,98 €</u>	<u>7,20 €</u>	<u>8,00 €</u>	2x
(Livro) Túneis - O Jardim do Segundo Sol	<u>4,94 €</u>	<u>16,20 €</u>	<u>18,00 €</u>	4x
(Livro) As palavras que nunca te direi	<u>6,28 €</u>	<u>18,00 €</u>	<u>18,00 €</u>	3x
(Filme) Transformers 2	<u>11,42 €</u>	<u>19,98 €</u>	<u>19,99 €</u>	2x
(Jogo) Modern Warfare 2	<u>40,00 €</u>	---	<u>69,99 €</u>	2x



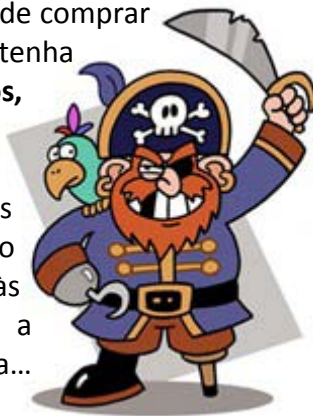
1. Em livros **mais ou menos recentes, mais ou menos best-sellers, a diferença é sempre abismal.** É certo que na amazon é preciso ainda somar gastos de envio, que não são elevados nem proporcionais (i.e. o gasto de envio de X livros é igual ao de 1 livro). E para os habitantes do Reino Unido muitos dos livros não têm gastos de envio.

2. A amazon não está a perder dinheiro, por isso **é possível praticar aqueles preços**. Falam tanto do analfabetismo e da pobre cultura portuguesa... talvez **não tornarem os livros num bem de luxo** seria um passo importante.

3. Se houve algo que aprendi em Gestão este semestre é que é mais proveitoso **vender barato e em maior quantidade** do que vender mais caro e menos. A qualidade portuguesa nem sequer é superior: comprei um livro conhecido, não digo qual, por 18€ e está **cheio de erros** (31 contei eu). Enviei-lhes um email há quase um ano e ainda não se dignaram a dar-me qualquer resposta.

Em conclusão:

É cómico poder comprar 5 livros na amazon com o preço de 1 cá. Estou a ponderar seriamente deixar de comprar livros em Portugal, a menos que não tenha alternativa. Em inglês são **mais baratos, sem erros, valem mais no mercado e ainda estou a treinar o meu inglês**. Quanto aos autores/editoras portuguesas, olha temos pena, é quanto ganham por extorquirem o dinheiro às pessoas – aliás, acho que é essa a verdadeira definição de pirata e pirataria... *argh!*



Quem mata a cultura não é a pirataria...

é a ganância de quem a vende.

Visitas especiais

Bem, parece que **esta semana vamos ter uma visita importante**. Ao que tudo indica, Deus vem a Lisboa. Ah não, afinal acho que é só o papa. O que é o papa? É um humano, que foi



eleito por outros humanos para representar uma determinada religião. É uma pessoa/cargo importante? Sim, qualquer líder é uma pessoa respeitável (caso contrário, não seria líder... espera-se).

Por vezes, líderes religiosos e políticos visitam outros países, para fortalecer relações, comemorar eventos, etc. O papa, um líder religioso, decidiu visitar o nosso país e nós devemos ser hospitaleiros e **recebê-lo bem, tal como qualquer outro líder**. Mas pergunto-me, **será que alguma outra visita ao nosso país teve este tratamento?**

- Tolerância de ponto. Ainda não percebi se vai ser feriado ou algo parecido, mas **tudo indica que o país vai parar. Até a minha faculdade foi obrigada a não fazer avaliações nem a dar matéria nova**. Por acaso dá-me jeito, mas porquê tudo isto?
- As **obras intermináveis do Terreiro do Paço** que não tinham prazo para estarem concluídas, ficam feitas uns dias antes da chegada do papa. Deve ser milagre.

- Em Fátima, andam a **desinfectar as ruas e – imagine-se – a perfumá-las**. Nem quando foi da Gripe A eles tiveram tantos cuidados. O palco que se fez em Lisboa, a prenda que vão oferecer ao papa, tudo meteu designers de renome, o marketing envolvido, os anúncios espalhados por aí... enfim, **tudo ao nível de um país em crise (só não se sabe do quê)**. Pergunto-me, **quem pagou tudo isso?**

O meu ponto é: porquê tanto gasto, tantas mordomias, no fundo, **porquê tanto exagero?** Parece que se querem redimir ou algo do género: diz-se que da última vez que um mensageiro de Deus veio à terra, crucificaram-no; bem, agora estão a tentar ser mais hospitaleiros.



E o meu segundo ponto: **este comportamento não será um pouquinho tendencioso?** Quando o papa João Paulo II veio cá, não teve nem metade



do aparato e ele era a pessoa que era. Quando o Dalai Lama, outro líder religioso, visitou Lisboa quase o expulsaram, teve de ficar em hotéis meio escondido. Uma vergonha. Além de líder religioso, tal como este papa, era também Nobel da Paz, coisa que o papa não é! Nobel da Paz e quase foi escorraçado. Pensem bem nisso. Lá está, quanto melhor a pessoa pior é tratada.

À grande e à portuguesa



Há uns tempos disse que haviam dois “Portugais” e hoje vou retomar essa ideia. Todos estamos a par das notícias sobre as “**medidas de austeridade**” apresentadas pelo presente Governo. **Quem empresta dinheiro ao país obrigou-o a fazê-lo.** A UE também já veio reforçar a ideia. Ambos **têm razão**: é preciso pôr “ordem na casa”, saldar as dívidas, parar de gastar mais do que se tem, criar valor e assim riqueza e, com essa riqueza, investir para gerar mais riqueza.

O que acontece actualmente é que andamos a viver à conta do dinheiro emprestado pelos outros. Aliás, nós **somos um país que vive à conta dos outros**, começando pelos políticos que vivem à conta dos contribuintes e acabando nos outros que vivem à conta dos subsídios do estado. O que o país precisa é de um grande «VAI MAS É TRABALHAR!».

Chegou uma altura em que para continuarem a emprestar-nos, temos de pagar uma parte do que já devemos. **A fórmula é simples: Reduzir despesa + Aumentar receita.** Demonstra-se *politicamente* (e não matematicamente) que **o resultado da conta anterior é “Aumento de impostos”**, apesar de alguns não gostarem de usar essa frase. Esse é outro problema, não chamarem as coisas pelos nomes: preferirem



usar sempre que possível **eufemismos** e, se isso não for possível, **ocultação da verdade** ou ainda, em último caso, **mentira**.

Portanto, a bem da (sobrevivência da) economia, os portugueses vão ter de fazer mais um esforço, mais um furo no cinto. Desde que tenho memória que só me lembro desta conversa, de cintos e de tangas – literalmente. Estamos sempre mal e com o passar do tempo só ficamos ainda pior, parece-me. ***Com tanto apertão o cinto já deve dar duas voltas.***

“Então é o lado da despesa não se corta?”, perguntam uns com razão e o Governo responde que sim todo erichado. ***Mas não é bem assim.***

Em Espanha, os deputados vão ter -10% de ordenado e os ministros -15%. Além disso, os seus benefícios e complementos vão ser reduzidos em 12%. Mas isto é em Espanha.

Em Portugal, está previsto um aumento de 25% para verbas de deslocação dos políticos, manutenção técnica e, imagine-se, decoração. Já ouvi há uns anos que se gastavam centenas de euros/semana na compra de flores para a residência oficial do 1º Ministro. É isto o corte nas despesas? Os políticos já não pagam nada nas scut's e ainda é preciso aumentar a verba para deslocações? Andem mais devagar e em carros de menor cilindrada!



Também vão aumentar o **“subsídio de reintegração” dos políticos para 1 milhão** de euros. Nem sabia que isto existia. Trata-se de um *subsídio* dado aos políticos quando estes terminam a profissão “para se poderem reintegrar na sociedade”. Ou seja *para continuarem a não precisar de trabalhar até ao final da vida*.

30 de Junho de 2010

Portugal perde, outros ganham

Portugal perdeu contra a Espanha. Acabou o nosso Mundial. Agora é altura de reflectir.

Foi justo? Foi. Portugal não esteve à altura da Espanha. Os jogadores portugueses pareciam estar a jogar “à rabia” com os espanhóis. Era uma questão de tempo até o golo espanhol aparecer. O nosso era quase impossível, tão poucos eram os nossos ataques (realmente perigosos).

A substituição de Hugo Almeida? Pois, talvez não fosse a melhor escolha, ele estava a jogar bem e a puxar pela equipa. Outros jogadores houve que jogaram muito, muito bem e é esse o objectivo deste post. Felicitá-los e agradecer-lhes.



Parabéns Ricardo Carvalho, foi um defesa fantástico e muito importante, estava em todo o lado, safou-nos muitas vezes.

Parabéns Fábio Coentrão. Não o conhecia e por isso fiquei muito impressionado. Foi fantástico, para mim a revelação do mundial! Ora estava na defesa ora atacava, puxava pela equipa, tinha domínio na bola, tudo.

Parabéns Raul Meireles e Tiago (e Simão), os verdadeiros atacantes portugueses. São eles que criam e concretizam as hipóteses de marcar.

Quanto aos que não mencionei, também fizeram um bom trabalho.

Aos que vou mencionar agora, cuidem-se:



Estrelinha Deco. Vem agora dizer que já não joga mais na selecção? Não é grande novidade, pois já há uns bons tempos que não “joga” efectivamente, por isso não vai ser grande falta. No jogo da Costa do Marfim não brilhou nada, nada. O estatuto de estrelinha fê-lo proferir coisas menos acertadas sobre o treinador. Depois pediu desculpa. Mas não foi o único...

Estrelinha Ronaldo. O melhor de mundo. Ainda bem que me dizem, porque senão eu não desconfiava. Ficou quase anos sem marcar golos pela selecção. Marcou um golo, nem sabe como, num jogo (Coreia do Norte) em que até o Eduardo podia ter marcado se quisesse!

A única coisa que faz em campo é *andar* e *posar para as câmaras*. Não se esforça, não corre, não marca, não nada. Está sempre na área adversária “à mama” da bola. Ontem teve a bola na 2ª parte meia dúzia de vezes. Sempre que tem a bola, acaba por atirar-se para o chão, à espera de falta. E depois, por lá fica, sentado, à espera que a bola volte.

Quando lhe perguntaram o que achou do jogo: «Fale com o *Carlos Queiroz*». Ainda não ter dito, “Fale com o outro” foi uma sorte. Que rico capitão de equipa...

Parece que “Ihe chegou a mostarda ao nariz”, ou o ketchup, é conforme.

Nota: Para quem não sabe, “jogar à rabia” é um jogo de crianças, em que uma fica no meio a tentar tirar a bola aos outros jogadores que vão passando a bola entre eles.

Enquanto a torneira não se fechar

Ainda somos uma sociedade alimentada a petróleo. **Usamos o carro para ir a todo o lado**, seja pelo seu conforto, pela liberdade que proporciona, pelo simples prazer de conduzir ou simplesmente por não haver alternativas.

Antigamente, eram poucas as pessoas que tinham telemóveis e actualmente há um telemóvel por pessoas, às vezes até mais. É uma consequência do seu relativo baixo preço e do nosso consumismo excessivo.

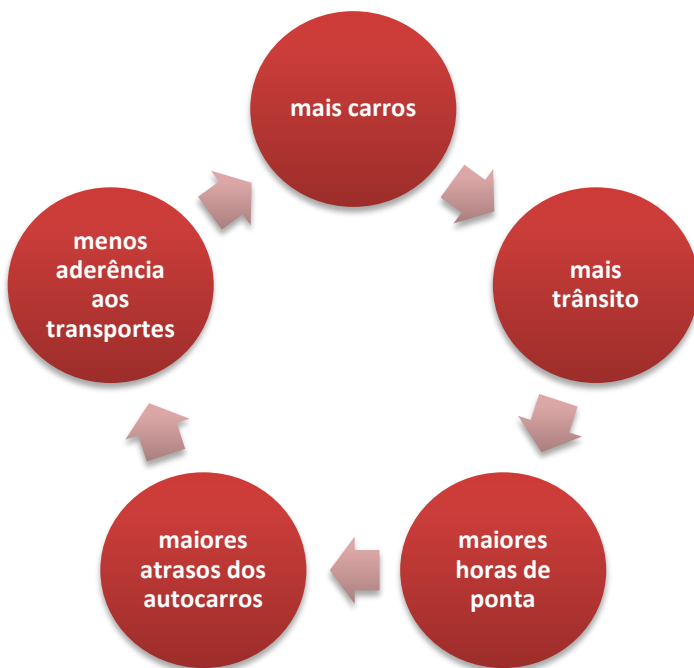
Tendo vindo a reparar que o mesmo começa a acontecer com os carros. Há umas décadas eram raros os carros, depois um por família. Penso estarmos a transitar para um por pessoa, o que não deixa de ser estranho. **Somos um país com rendimentos médio baixos, como têm as famílias capacidade para manter dois e três carros?** Hoje em dia parece-me muito em voga a fórmula:

1 estudante => 1 carta => 1 carro

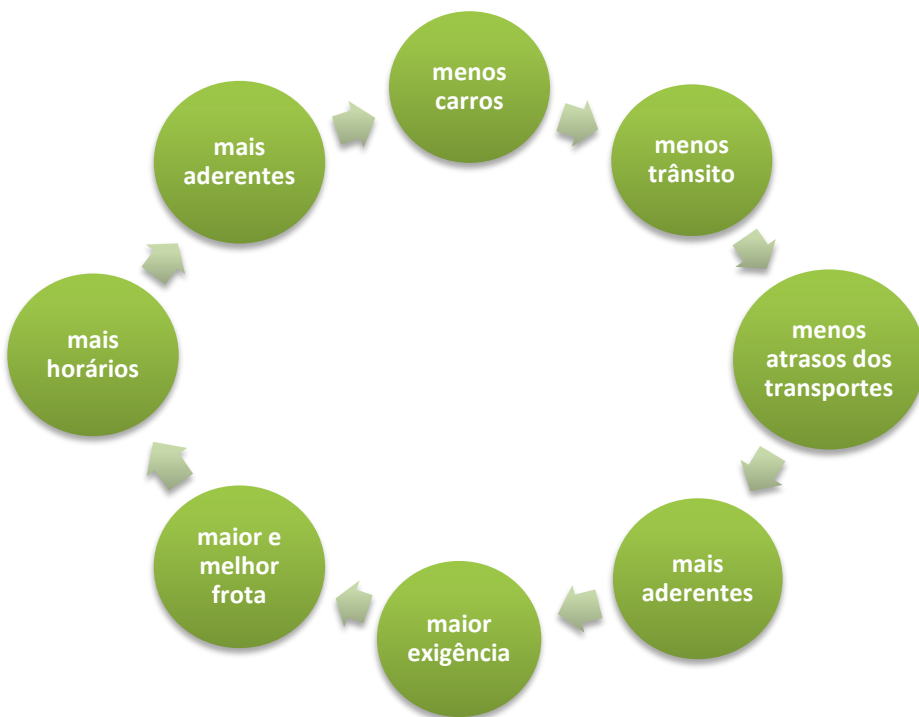
Por quanto tempo seremos capazes de manter este consumismo de carros e combustíveis? É assim que contribuímos para um melhor ambiente? Porquê o desprezo pelos transportes públicos? Já ouvi nas notícias que há menos carros nas estradas e mais pessoas nos transportes. Na mesma altura saiu a notícia de que os níveis de CO2 emitidos em Portugal baixaram (pela 1ª vez?) e que estávamos num bom caminho. Também é sabido que estamos em crise. Todos estes

acontecimentos não são coincidência e acredito que estão profundamente ligados.

Com a crise, há menos dinheiro, os combustíveis tornam-se mais caros, o carro fica em casa mais vezes e opta-se mais vezes pelos transportes. Isto só mostra que os **transportes podem satisfazer uma grande parte dos utilizadores, basta estes se proporem-se a utilizá-los. Se andarmos todos de mais transportes saímos todos a ganhar:**



Mas o ciclo inverso também é verdade!



É impressionante a quantidade de carros que vejo de manhã só com o condutor lá dentro. Carros de cinco lugares com apenas um ocupante representam uma eficiência de 20% (um quinto), que é muito pouco. Porque é que não há mais carros citadinos? São **mais pequenos, mais eficientes, menos poluentes**. Quiçá um dia até sejam totalmente eléctricos. Cabe-nos exigir esse futuro... agora.

Lisboa Revisitada

Há umas semanas, fui assistir à actuação da orquestra e coro juvenil de Lisboa no “Festival ao Largo”. Usei o comboio apesar de não há muito tempo ter havido lá incidentes/assaltos. Comprei uma viagem e recebi 1 cartão novo + 2 papéis; o cartão que tinha estava “*fora de validade*”...

[ver Choque Tecnológico]

A viagem decorreu sem problemas (eram 20h).

Enquanto ia a caminho do largo fui a reparar na **mesma Lisboa de sempre: velha, suja, escura e malcheirosa. Pobres turistas.** Aqui e ali, na rua Augusta viam-se umas fachadas recuperadas. Muito bem. O relógio do arco da rua Augusta estava corroído pelo negrume, sem ponteiros (agora já não podem dizer que está atrasado) e alguns dos seus holofotes fundidos. Era um **retrato caricato.**

A rua estava cheia de turistas, uns em movimento, outros nas esplanadas. Por momentos pensei estar noutro país, sem ‘tugas’ à vista, mas depressa percebi que ainda estava em Portugal. **Nos cruzamentos da rua Augusta viam-se grupos de 3 ou 4 indivíduos sentados a olhar para quem passava. O aspecto não enganava: ciganos.** Uns levantavam-se e aproximavam-se dos turistas e diziam qualquer coisa (que eles não gostavam). Outros tocavam nas turistas e mandavam umas bocas. **Que vergonha... pobre turistas.**

Às vezes vinha um de outra rua, dizia qualquer coisa e revezavam-se. **Só me fez lembrar uma coisa: máfia. Era como**

se as ruas fossem deles. De facto, naquela noite vi ao todo uns 10 elementos. Polícias? 2 pares apenas, a fazer ronda em frente ao teatro D. Maria. Viam-se também grandes grupos de jovens bêbados e ainda indivíduos isolados e escondidos na escuridão. Achei **Lisboa muito escura** mesmo, afinal de contas eu ainda sempre nas ruas/praças principais; deviam estar bem iluminadas.

À vinda, o comboio até tinha bastante gente para as horas que eram (meia noite). **A certa altura entrou um indivíduo que percorreu a carruagem toda onde eu vinha a olhar para os assentos e passageiros... como se procurasse algo.** Entretanto mudou de carruagem. O revisor apareceu e passados uns minutos – quando o revisor ia pedir o meu bilhete – **ouviu-se um sinal sonoro** baixinho e meio intermitente (género morse). Nunca tinha ouvido aquilo no comboio. **O revisor parou e mudou de carruagem** imediatamente, na mesma direcção que o tal indivíduo tinha tomado. **Curioso, não?**

Quando o revisor voltou e a próxima estação chegou, o revisor meteu a cabeça de fora a olhar, para ambos os lados... algo se passou está visto. Bem, o coro e orquestra juvenil de Lisboa eram bons, apesar das músicas pudessem ter sido melhor escolhidas a meu ver. Resumindo, bom espectáculo, mas muito má ambiência/localização.

É assim... **é isto a capital do nosso país após o sol posto.** E depois são as pessoas que são pessimistas?! Catastrofistas?! **Se esses políticos tivessem de viver no mesmo Portugal onde cada um de nós vive, então não seriam os mesmos!** A andar sempre de Audi e guarda-costas é difícil ter uma noção da realidade!

Bandidos exigentes

Mais de uma centena de reclusos do Estabelecimento Prisional de Sintra estão em greve de fome há quatro dias. Reclamam melhor comida e acesso à Playstation 2.

O regulamento da cadeia só lhes permite aceder à Playstation original e os presos querem jogar na Playstation 2. É um dos motivos que levaram mais de 100 reclusos do Estabelecimento Prisional de Sintra a entrar em greve de fome na última segunda-feira.

Os presos podem actualmente ter duas Playstation original em cada cela com três reclusos e também ter rádio e televisão.

Fonte: TVI24

Às vezes sinto-me cansado... cansado de viver neste país e de ter de suportar estas coisas. **Que palhaçada vem a ser esta?!** Os presos têm acesso a Playstations e ainda querem mais? Já agora, não querem jogar em Playstations 3 e televisores Alta-Definição? Ou se calhar preferem um televisor 3D com Home Cinema?

Façam greve de fome sim, saem mais baratos a Portugal.

Há aí uns quantos inúteis a pedir para “Mudastea” entrar no dicionário; pois eu sugiro que mudem o nome de “Prisão” para “Hotel”, porque o termo original já está desactualizado. Não

faltará muito até os miúdos começarem a dizer: “Quando for grande quero ser bandido”.

16 de Agosto de 2010

Acordo Ortográfico (Revisitado)

O meu primeiro post neste blog discutia a utilidade do (novo) acordo ortográfico.

Recentemente vi um post noutro blog que partilha alguns dos meus pontos de vista, pelo que não podia de deixar de referi-lo -> [link](#)

Parece que houve algumas pessoas que ficaram muito ofendidas com o dito post, porque acharam que era um ataque aos brasileiros. Para que fique claro: **eu não sou** contra os brasileiros; **eu sou** contra o acordo ortográfico, por várias razões.



Sou contra o acordo porque não é intuitivo; porque torna a língua portuguesa ainda mais **confusa** e recheada de **excepções** à regra; e porque não traz nenhuma vantagem objectiva e considerável.

Se querem meter a escrita igual à oralidade, então têm muitas coisas mais para alterar e não fazer uns **remendos aqui e ali**, como é este acordo - uma manta de retalhos e remendos.

- Porque não de esquecer o verbo "estar" e introduzir o verbo "tar"; já nem os políticos, nem os jornalistas dizem "estar" porque se há-de continuar a escrever dessa maneira?

- Porque não tirar todos os acentos ou a maior parte deles? Os ingleses não têm e safam-se bem...
- Porque não substituir todos os sons sibilantes por 's' e acabam com os 'c' sibilantes; substituir os todos os 'ch' por 'x'. Há muito que isso aconteceu nas redes sociais (principalmente no hi5). "Até podiamox comexar a excrever axim, acabavam-xe ox errox, porque deixavam de haver duvidax." É o *Simplex* em acção ou ação ou axão, já não sei bem.
- Ou então passamos a ter a língua inglesa como língua mãe e o português como secundária... ajudava bastante, já que agora tudo o que é jovem emigra, assim iam mais bem preparados lá para fora.

Enfim, o acordo já anda aí, foi aprovado não se sabe por quem nem quando e agora quem já escrevia bem vai passar a dar erros. O que este acordo vai causar certamente é que cada um vai adoptar ou não o acordo e começar a escrever no seu próprio português, cada um com a sua versão.

Aquilo que comemos

“Diz-me o que comes, dir-te-ei a saúde que tens.” A comer no Pingo Doce não deve ser assim lá muito boa. Há uns tempos, comprei lá um croissant e quando olhei para a composição até ia ficando azul! Ora vejamos:

Croissant:

Farinha de trigo, agente de tratamento de farinha, ácido ascórbico, enzimas, açúcar, lactose, emulsionantes: E472, E481, E471, E322, regulador de acidez: E170, corantes: E102, E110, E160a, aroma de síntese, enzimas, óleo e gordura vegetal parcialmente hidrogenadas, água, sal, lecitina de soja, regulador de acidez: E330, conservante: E202, aromatizantes, manteiga (80%), contém cereais com glúten, nata pasteurizada, fermentos, ovo, leite, soja.

Não re congelar. Descongelado na data de embalagem.



«Tudo aqui é bem melhor; Tem de tudo e mais fresquinho; Tudo aqui tem mais sabor.»

Chiça, tem mais sabor a quê? A químicos? Nem me atrevo a pensar/provar. Só tenho pena não ter visto a composição antes de comprar esta... *mistela em forma de croissant*.

Este é um produto “fresco”, de curta validade (três dias) e mesmo assim puseram-lhe conservantes. Cada unidade de 80gr, contém 10 E’s! Mais do que certas pastilhas elásticas. E o que mais me chocou: **porque que raio é precisa um croissant ter corantes, aromas, aromatizantes?** E em termos de **gordura, também é assustador**: manteiga (80%), para além de natas, óleo, gordura vegetal parcialmente hidrogenada, a pior de todas segundo os nutricionistas. Cá para mim, se espremer o croissant com jeitinho ainda dá para acender lamparinas quando a luz faltar.

Mas podem dizer: ah, mas isso é porque é um doce. Não comas doces que fazem mal. O pão é a base da alimentação, logo é suposto ser simples e saudável. De qualquer das maneiras, **pão é pão, não podem adicionar à receita muito mais, ou podem?** Vejamos:

Pão d’Avó:

Farinha de trigo, água, farinha de trigo T80, massa mãe, sal, farinha de trigo, emulsionantes: E170, E322, E472, E471, agente de tratamento da farinha: E300, enzimas, levedura. Contém cereais com glúten.

Que raio de avó foram eles desencantar? Validade: 1 dia. Composição: 5 E’s. E o fiambre?!

Fiambre da pá Pingo Doce:

*Pá suíno, água, proteínas de leite, sal, dextrose, **gelificantes (E407, E410, E415)**, lactose, estabilizantes (difosfato e trifosfato de sódio), antioxidantes (aritorbato e citrato de sódio), **aromas**, conservantes (E250, E252) e emoglobina.*

Emoglobina?! E linfa não? Isto é alguma transfusão de sangue? **Aromas?! Só se for aroma a fiambre, de forma a que todos estes os químicos juntos saibam a fiambre no final!** Imaginem que comem um “pão da avó” + fatia de “fiambre” = 10 E’s. Ou melhor: **croissant + fiambre = 20 E’s!!**

«Venha ao Pingo Doce de Janeiro a Janeiro» dizem eles. Para a próxima metam no refrão: **a comer esta merda, «de Janeiro a Janeiro», só pode dar caganeira.**

É lamentável...



1) EPAL ignora medidas do Governo e aumenta salários

Esta empresa está endividada, pede ajuda ao governo e agora vai aumentar salários? Mas andam a gozar com a cara das pessoas?

2) Transtejo e Soflusa falida

Em tantos anos ninguém reparou na dívida que vinha sendo acumulada? E esses gestores não fizeram nada? E o governo não supervisiona? Anda tudo a dormir e a serem pagos por dormir?

3) Sócrates lamenta novas excepções aos cortes nos Açores

Nos Açores mesma coisa?! Mas os sacrifícios não são para todos? Sócrates “lamenta” mas “respeita”? O quê?! Mas a única coisa que o Governo faz é lamentar-se? Então e agir? Já com a PT e a distribuição de rendimentos pelos accionistas também lamentou muito e fez pouco. Se os Açores são tão autónomos porque precisam de transferências monetárias? Se não precisam de fazer cortes nos ordenados é porque andam a viver bem. Melhor para eles, não precisam de ajuda. Se fosse na Madeira aposto que o Governo não reagia desta forma apática.

4) PM espera por inquérito para tomar posição sobre problemas "lamentáveis" nas eleições

Será que o PM só sabe dizer que tudo o que se passa neste país é “lamentável”? Lamentável é a sua contribuição para o país! E que tal trabalhar um bocadinho para evitar que mais episódios lamentáveis voltem a acontecer? Pode ser que assim Portugal se “lamente” menos dos políticos que tem.

Dizem que isto é uma democracia. Alguém me explica o que devo fazer para acabar com estas situações? Não me digam para esperar pelas próximas eleições. Até lá Portugal dá o berro.